

ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

O CICLO DE PRODUÇÃO NOTICIOSA NA RTP – O CASO IKER CASILLAS

José Pedro Pires Barata

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Jornalismo

Trabalho realizado sob orientação de:

Professor Adjunto: Doutor Rui Fernando Almeida Simões

e com a coorientação de:

Professor Adjunto Convidado: Doutor Carlos Alberto Andrade Ferreira dos Santos

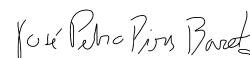
Lisboa, outubro de 2019

Declaração

Declaro ser o autor deste relatório de estágio, parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, que constitui um trabalho original que nunca foi submetido (no seu todo ou em qualquer uma das suas partes) a outra instituição de ensino superior para a obtenção de um grau académico ou outra habilitação. Atesto ainda que todas as citações estão devidamente identificadas. Mais acrescento que tenho plena consciência de que o plágio poderá levar à anulação do presente trabalho.

Lisboa, outubro de 2019

O candidato,



Resumo

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito do Mestrado em Jornalismo, da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa. A investigação é desenvolvida na secção de desporto da Rádio e Televisão de Portugal (RTP).

Os meios de comunicação social continuam a ser os principais responsáveis pela transformação de acontecimentos em notícias. Neste sentido, a necessidade de responder às exigências do público obrigou os *media* a adotarem estratégias de produção noticiosa eficazes na hora de transmitir a mensagem.

Num primeiro momento, este trabalho procura perceber um pouco do contexto e evolução, no que diz respeito ao jornalismo desportivo. Numa segunda fase deste estudo, preocupámo-nos em conhecer e refletir acerca das rotinas de produção noticiosa de um caso específico: o infortúnio de Iker Casillas que, ocorreu durante a primeira semana de maio de 2019. Para tal, fazem parte desta análise dois blocos informativos: o Telejornal da RTP e o 3 às 17 da RTP3, com especial destaque para o espaço dedicado ao desporto.

Palavras-chave: jornalismo desportivo, produção noticiosa, valor-notícia, televisão, RTP

Abstract

This internship report was carried out within the scope of the Master's in Journalism, taught at the School of Communication and Media Studies of the Polytechnic of Lisbon. This investigation was conducted with the internship experience at RTP (Radio and Television of Portugal) as a basis, namely at the sports section.

Media are still those responsible for transforming events into news. In that sense, they need to meet the audience's expectations and in order to do so were in recent years compelled to adopt new and effective measures to send a clear message.

Therefore, in this report, first we try to understand the context and evolution of sports journalism. Secondly, we take into concern and reflect on the news production routines of a specific case study: Iker Casillas' heart attack, that occurred on the first week of May 2019. To that end, we analyse two newscasts: *RTP's Telejornal* and *RTP3's 3 às 17*, the latter with a special emphasis on the sports news part of the newscast.

Keywords: sports journalism, newsmaking, news values, television, RTP

Ao meu pai, César Augusto.

Agradecimentos

Aos professores Rui Simões e Carlos Andrade, meus orientadores, por todo o contributo e disponibilidade para me ajudar durante todos estes meses e por terem acreditado em mim até ao final.

À professora Maria José Mata pela ajuda numa fase inicial do relatório e pela persistência em me colocar a estagiar no lugar onde mais queria.

À RTP e a todos os que nela comigo se cruzaram durante os cinco meses de estágio.

À redação de desporto da RTP Lisboa por me fazerem sentir como membro da equipa e por terem contribuído para que eu evoluísse todos os dias como futuro jornalista. Sem exceção, a todos eles obrigado por tudo.

À minha mãe, pilar da minha vida, pelo o amor e por estar presente em todas as horas.

Ao meu irmão, minha fonte de sabedoria e conhecimento, por andarmos lado a lado desde sempre.

À minha cunhada, por tratar de mim como se fosse minha irmã.

Ao meu sobrinho, por todos os momentos de carinho e afeto e pelas brincadeiras.

Aos meus avós, que juntamente com o meu pai, são as estrelas que me guiam para todo o lado.

Aos meus melhores amigos, por tudo e mais alguma coisa.

Índice

DECLARAÇÃO	II
RESUMO.....	III
ABSTRACT.....	IV
AGRADECIMENTOS	VI
INTRODUÇÃO	VIII
CAPÍTULO I – A RTP: A TELEVISÃO “DE TODOS PARA TODOS”	11
1.1 – CARACTERIZAÇÃO E HISTÓRIA DA EMPRESA	11
1.2 – O SERVIÇO PÚBLICO DE TELEVISÃO	15
1.3 – A ESCOLHA DA RTP	17
1.4 – ANÁLISE PARTICIPATIVA DO ESTÁGIO.....	18
1.4.1 – <i>Calendarização</i>	18
1.4.2 – <i>O estágio</i>	18
2.1- BREVE HISTÓRIA SOBRE A IMPRENSA DESPORTIVA.....	23
2.2 – O JORNALISMO DESPORTIVO NOS DIAS DE HOJE	28
2.3 – O JORNALISMO DESPORTIVO NA TELEVISÃO	31
2.4 – O FUTEBOL COMO “DESPORTO-REI”	32
CAPÍTULO III – A PRODUÇÃO NOTICIOSA	35
3.1 – A NOTÍCIA	35
3.2 – DO ACONTECIMENTO À NOTÍCIA: OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE	37
3.3 – OS VALORES-NOTÍCIA NA TELEVISÃO.....	42
3.4 – A PRODUÇÃO NOTICIOSA: DO <i>GATEKEEPER</i> AO <i>NEWSMAKING</i>	44
3.5 – AS FONTES DE INFORMAÇÃO: A BASE DA PRODUÇÃO NOTICIOSA.....	46
CAPÍTULO IV – ESTUDO DE CASO	49
4.1 – METODOLOGIA E DESENHO DA INVESTIGAÇÃO	50
4.2 – UNIVERSO DE ESTUDO: O 3 ÀS 17 E O TELEJORNAL	52
4.3 – O TRATAMENTO DO CASO SOB A OBSERVAÇÃO DO ESTAGIÁRIO NO INTERIOR DA REDAÇÃO.....	54
4.4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	56
4.4.1 - <i>A produção noticiosa: perspetiva dos entrevistados</i>	56
4.4.2 – <i>Telejornal vs 3 às 17</i>	62
CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
ANEXOS.....	80
ANEXO Nº1 - TABELAS E GRELHAS DE ANÁLISE.....	81
ANEXO 2 – ENTREVISTAS	83

INTRODUÇÃO

O desporto e, por sua vez, o jornalismo desportivo há muito que se têm vindo a afirmar na sociedade. O desporto é, hoje em dia, uma fonte de audiências para os meios de comunicação social. Em particular na televisão, verificamos que os espaços dirigidos ao comentário desportivo têm vindo a ocupar grande parte da programação. Desta forma, temos assistido a uma aposta em programas desportivos e até mesmo à criação de canais próprios de desporto. A título de exemplo, a recente criação do canal 11 por parte da Federação Portuguesa de Futebol, com conteúdos exclusivos. Existe, desde já, uma constatação óbvia que devemos ressaltar: nem todas as modalidades desportivas têm o mesmo peso. O futebol, ao invés de outras modalidades, é aquele que reúne o maior número de simpatizantes e, por conseguinte, é também aquele que maior relevância adquire no espaço televisivo. Neste sentido, o estágio na redação da RTP, em Lisboa, ajudou-me a quebrar o mito de que o desporto é uma editoria menor. De facto, ao longo do estágio, pude constatar que o desporto é tratado de uma forma equilibrada. Isto significa que para além de uma panóplia de programas dedicados ao desporto, estes dão atenção às várias modalidades que o constituem, não se focando apenas no futebol.

O tema principal do presente relatório de estágio é *O Ciclo de Produção Noticiosa no caso Iker Casillas*. A produção das notícias sobre este caso são o nosso objeto de estudo e, pretende-se compreender, de uma forma geral, como é que a informação chegou à redação, como foi selecionada ou que fatores estiveram na sua origem e, por fim, como foi tratada até se tornar num produto jornalístico. Deste modo, fazem parte da nossa investigação dois blocos de informação diária: o *Telejornal* da RTP e o *3 às 17* da RTP3. Pareceu-nos sensata a escolha de dois espaços informativos tão distintos, sendo que o primeiro é, talvez, o espaço de informação principal do canal que, segundo Clara Osório “deve percorrer todas as editoras não tendo por isso um espaço reservado ao desporto” e, o segundo, é um dos noticiários da tarde, com particular destaque para o desporto em geral. A baliza temporal deste estudo está compreendida entre os dias 1 e 6 de maio, correspondentes à semana do infortúnio do guarda redes do Futebol Clube do Porto e ainda o dia 17 do mesmo mês.

Ao iniciar este estudo, foram várias as hipóteses que equacionamos: as notícias sobre desporto são sempre ou, praticamente sempre, as últimas do alinhamento de um bloco de informação; existe uma grande tendência para noticiar apenas o futebol, esquecendo as outras modalidades; no futebol parece só haver espaço para os três grandes – Benfica,

Porto e Sporting; raramente uma notícia de desporto é a primeira a ser exibida. Tendo em conta este cenário desafiámo-nos então a compreender qual o ciclo de produção noticiosa de um caso tão inesperado como aquele que foi o de Iker Casillas.

No primeiro capítulo deste relatório de estágio, é feita uma abordagem histórica e evolutiva da estação de televisão RTP, na qual foi realizada o estágio curricular. É ainda explicada a importância do Serviço Público de Televisão, cruzando as ideias de dois autores importantes para esta temática, como são Felisbela Lopes e Eduardo Cintra Torres. Por fim, ainda neste capítulo, traçamos o nosso percurso enquanto estagiário, naquela que foi a experiência na redação de desporto da RTP ao longo de cinco meses, de fevereiro a julho de 2019.

Por sua vez, o segundo capítulo deste relatório procura apresentar algumas ideias introdutórias ao tema “o desporto no jornalismo”. Deste modo, é feita uma breve abordagem à história da imprensa desportiva até chegar à importância do jornalismo desportivo para os dias de hoje. Já sabemos que o jornalismo desportivo é, muitas vezes deixado de parte ou considerado como uma editoria menor, mas a verdade é que o jornalismo desportivo tem ganho alguma relevância, especialmente no meio televisivo que, ainda continua a ser o mais visto. Por este motivo, achámos ainda importante ressaltar a atividade do jornalismo desportivo na televisão, com o foco particular na criação de canais destinados a conteúdos exclusivamente desportivos, mas também fazendo um levantamento a nível dos canais generalistas e por cabo sobre os conteúdos desportivos que fazem parte da sua programação.

O ciclo de produção noticiosa é retratado no terceiro capítulo deste estudo. Neste capítulo, direcionamos a nossa atenção para a prática jornalística. A atividade jornalística pode ser entendida como “um papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade que são publicamente relevantes” (Alsina,1996, p.65). Em primeiro lugar, é feito um levantamento sobre aquilo que se entende por notícia. Ao mesmo tempo, e à medida que vamos compreendendo a complexidade em definir o que é uma notícia, vamos encontrando outros fatores importantes que ajudam na sua definição. Neste caso, é feita uma revisão da literatura crítica acerca dos processos inerentes ao ciclo de produção de notícias, nomeadamente acerca dos critérios de noticiabilidade que acabam por ser um dos fatores determinantes para compreender qualquer ciclo de produção e construção noticiosas. Neste sentido, contamos com os contributos de Mauro Wolf e Nelson Traquina, autores que se destacam nesta temática. Ainda neste capítulo, ressaltamos a importância das teorias do *gatekeeping* e do *newsmaking* para o jornalismo.

De certa forma, estas teorias ajudam-nos a compreender melhor como funcionam os processos inerentes à produção noticiosa e à rotina jornalística. Por fim, as fontes de informação constituem-se como a base de toda a produção noticiosa, pelo que também fazem parte desta investigação.

O estudo relativo ao ciclo de produção de notícias do infortúnio de Iker Casillas é tratado no quarto capítulo. O desenho da nossa investigação e as opções metodológicas adotadas são aqui devidamente explicadas e justificadas. No que diz respeito ao estudo em si, primeiramente foi realizada uma análise às entrevistas que realizámos acerca da produção noticiosa deste caso. Neste sentido, foi possível (re)construir a perspetiva dos nossos entrevistados – todos jornalistas de desporto – relativamente à construção das notícias sobre o guarda redes do Futebol Clube do Porto, na semana de 1 a 6 de maio. Posteriormente, e de forma a complementar o trabalho, foi feita uma análise comparativa relativamente às notícias transmitidas pelos dois blocos informativos aqui em estudo. A ideia não foi analisar o conteúdo das peças emitidas, mas sim comparar e perceber a relevância do caso em dois espaços informativos diários distintos, tendo sempre por base as respostas dos nossos entrevistados. Este capítulo propõe então a resposta à pergunta que orienta a investigação: *Qual o ciclo de produção noticiosa no caso Iker Casillas?* Para ajudar à compreensão da mesma, foram levantadas hipóteses de trabalho, nomeadamente no que diz respeito à relevância do desporto no jornalismo e, por conseguinte, num bloco informativo generalista. Este cenário remete-nos então para as hipóteses equacionadas no início desta exposição.

Finalmente, o meu olhar sobre o caso em si, relativamente ao modo de tratamento e procedimentos jornalísticos inerentes à produção noticiosa é também retratado neste capítulo, tendo em conta que a observação participante se constitui como um método importante de recolha de informação.

Capítulo I – A RTP: a televisão “de todos para todos”

1.1 – Caracterização e história da empresa

A Rádio e Televisão de Portugal, também conhecida pela sigla RTP, é hoje em dia, a única operadora do Estado Português detentora de um vasto conjunto de redes de rádios e televisão públicas. Desde 1935 que o grupo conta com as emissões regulares daquela que era, anteriormente, designada de Emissora Nacional (EN) e que, mais tarde, ficou conhecida como *Radiodifusão Portuguesa*, RDP. Embebido pelo espírito europeu, a ideia da criação de uma Emissora Nacional de radiodifusão coincidiu com a chegada do Estado Novo. O ano de 1933, marca não só a viragem política para um período de ditadura que se irá estender até 1974, mas também marca a aposta “do interesse público da radiodifusão e o monopólio de Estado”¹. Após um período experimental, que contou com o discurso eleitoral de Salazar transmitido em direto para vários pontos do país, em dezembro de 1934, a Emissora Nacional de Radiodifusão (EN) é finalmente inaugurada a 1 de agosto de 1935. Nos primeiros anos de vida, a EN é marcada essencialmente pelas fortes intervenções do Estado. Só 20 anos mais tarde é que a implementação de um serviço de televisão público, em território nacional, começa a ser pensado.

Deste modo, em 1955, por iniciativa do governo de Salazar, é assinado um Decreto-Lei, no qual fica patente a ideia de criação de uma Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada, também conhecida por SARL, responsável pelos princípios reguladores da concessão do serviço público, no que diz respeito ao processo de exploração da televisão em território nacional. Dá-se, assim mais um passo em frente, com a constituição da *Radiotelevisão Portuguesa* (RTP). A Rádio e Televisão de Portugal atual nasceu em 2004², através da fusão da rádio – antiga RDP –, da televisão e também do *online*. A RTP, tal como a conhecemos, tornou-se na única e grande responsável pela distribuição do serviço público de televisão no país. Desta forma, e mantendo uma certa atualidade:

“A RTP é o operador com maior oferta de canais e conteúdos de referência, disponíveis em todas as plataformas e por isso deve ser o principal meio de

¹ Informações retiradas do site da RTP: <http://media.rtp.pt/80anosradio/historia/criacao-da-emissora-nacional/>
[Consult. 30/09/2019]

² Para saber mais sobre a fusão da RDP e RTP, ver: https://www.rtp.pt/noticias/economia/fusao-das-empresas-da-rtp-e-rdp-em-janeiro-de-2007_n82187 [Consult.3/08/19].

comunicação com a responsabilidade de enriquecer a vida dos portugueses, e suas comunidades, através da informação, educação e entretenimento, com uma oferta global, transversal e integrada de conteúdos, que primem pela qualidade, diversidade e inovação.” (Plano de Atividades RTP, 2016, p. 74).

A estação de televisão que tem hoje 64 anos, dos quais 62 de emissão, conta atualmente com 10 canais: RTP1, RTP2, RTP3, RTP Açores, RTP Madeira, RTP Internacional, RTP África, RTP Memória, RTP América, RTP Ásia, para além das rádios e da mais recente plataforma de *streaming*, o RTP play. No seu conjunto, a RTP é composta por um universo diversificado de “marcas” de televisão, rádio e *online*, que contribuem de forma sustentável para o desenvolvimento da economia, da cultura e da sociedade em Portugal.

Falar da história da RTP é também falar um pouco sobre a história e evolução da televisão em Portugal. Ao revisitar o panorama histórico da televisão no país, este remete-nos para a década de 50 do século XX, quando se iniciaram as primeiras experiências com o objetivo de implementar um serviço de televisão em território nacional. No artigo *Televisão em Contexto Português: Uma abordagem histórica e prospetiva*, Filomena Antunes (2012) dá conta dos primeiros passos da televisão em Portugal, com o nascimento da RTP, ainda durante o período do Estado Novo³.

Como mencionámos anteriormente, a criação de um projeto televisivo nasce em 1955, embora as primeiras emissões oficiais do canal tenham lugar só dois anos depois. O ano de 1956 foi particularmente importante, uma vez que marca o arranque das primeiras emissões experimentais da Rádio e Televisão de Portugal. Este período experimental caracterizava-se por “apresentar uma programação baseada em filmes, música e revistas filmadas” (Santos, 2007, p.84). Oficialmente, as primeiras emissões da RTP aconteceram a 7 de março de 1957 e foram marcadas pelo regime da época. Eduardo Cintra Torres (2011) recorda que os “primórdios da RTP fizeram também sobressair a intervenção do Estado e, simultaneamente, a inclusão de publicidade, aspetos que marcaram o primeiro canal da emissora pública portuguesa até à atualidade” (Torres, 2011, p. 56). Da mesma forma, Francisco Rui Cádima (1999) afirma que a RTP, nos seus primeiros tempos, foi «o principal porta-voz da política totalitária dos dois ditadores do Estado Novo» (Cádima, 1999, p.31). Agee e Traquina (2005), em *O Quarto Poder Frustrado: os meios de*

³ Relativamente à influência do regime do Estado Novo na RTP ver *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa* (1996) de Francisco Rui Cádima.

comunicação social no Portugal Pós-Revolucionário, explicam que Salazar via a televisão como um dos maiores problemas com que o seu governo se deparava. Por sua vez, Pedro Coelho destaca o posicionamento de Marcello Caetano em relação ao poder da televisão:

“Enquanto Salazar, o Presidente do Conselho, permanece divorciado do novo meio, Marcello Caetano, o ministro da Presidência e grande impulsionador da televisão, aproxima-se cada vez mais, aproveitando todas as virtualidades da televisão para estabelecer com a Nação uma intimidade cada vez mais forte. (...) após a queda de Salazar da cadeira, na residência de Verão do Presidente do Conselho, no Estoril, a 7 de setembro de 1968, Marcello Caetano ascende naturalmente ao poder e, ao contrário do antecessor, que, por não ser um bom orador, revelou sempre algumas dificuldades em comunicar com o país através da televisão, Marcello não só se aplica nesse diálogo cara a cara [itálicos do autor] como coloca a televisão, literalmente, ao serviço do governo”(Coelho, 2005,p. 66).

Após o processo revolucionário de abril de 1974, o canal televisivo foi nacionalizado, passando a designar-se RTP - Radiotelevisão Portuguesa, E.P. Felisbela Lopes (1999) acredita que só depois deste processo a RTP começou a ser verdadeiramente “uma empresa exclusivamente pública, dotada de personalidade jurídica de direito público e autonomia administrativa e financeira, à qual é entregue o serviço público de televisão” (Lopes, 1999.p 34). Estava assim aberto o caminho para a inovação e expansão da empresa. Prova disso foi o início das obras já projetadas para uma delegação da RTP, nos Açores. Seguindo este percurso para a inovação, não podemos deixar de salientar que a década de 80 traz consigo as primeiras emissões a cores, assim como 1986 marca a data em que começa a ser transmitido o noticiário da hora de almoço, hoje conhecido como Jornal da Tarde. Em 1992, a RTP ultrapassa as fronteiras nacionais, com a criação da RTP Internacional e, em 1997, dá mais um passo, com a criação da RTP África, que simbolizou uma união estreita com os países oficiais de Língua Portuguesa, os PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). A par com as novas tecnologias, no mesmo ano, é ainda criada a RTP *online*.

Enquanto operadora de serviço público de televisão, o monopólio da RTP estava prestes a mudar. De acordo com Rogério Santos (2007), é de salientar que “na segunda metade da década de 80 e anos seguintes assistir-se-ia a uma profunda mudança na área

dos *media* em Portugal” (Santos, 2007, p.86). Neste sentido, a RTP, que ainda beneficiava de uma presença hegemónica em todo o país, começou a ser afetada pela necessidade de uma diversificação da oferta televisiva. Eduardo Cintra Torres e Francisco Rui Cádima partilham desta opinião. Em *A Televisão e o Serviço Público*, Torres (2011) afirma que este “foi o tempo de abertura a canais privados” (Torres, 2011, p.52). No mesmo sentido, Cádima (1999) esclarece que Portugal não escapou à vaga e que, por isso, a segunda revisão constitucional de 1989 “permitiu o fim de vários anos de exclusividade estatal e a abertura da atividade de televisão ao setor privado (Cádima, 1999, p.32). Deste modo, os anos 90 do século passado marcam o aparecimento dos canais privados: a Sociedade Independente de Comunicação (SIC), que começou a operar a 6 de outubro de 1992, e a Televisão Independente (TVI), que realizou a sua primeira emissão a 20 de fevereiro de 1993.

O início do milénio traz consigo uma situação económica bastante difícil para a RTP, que, segundo Teves, obriga o Governo “a criar uma *holding* para reunir sob a mesma tutela os três órgãos de comunicação estatais – RTP, RDP e Agência Lusa” (Teves, 2007, p.19). Sobre esta temática, o professor Sílvio Correia Santos (2003), em *Da rádio estatal ao modelo integrado: Compreender o serviço público de radiodifusão em Portugal*, aponta que a fusão do grupo já tinha sido pensada anteriormente e perspetiva a situação do seguinte modo:

“Efetivamente apesar de nada constar no programa de governo do PSD, durante a administração de Arlindo de Carvalho, chegou a considerar-se que a junção das empresas podia ser possível até ao final da década. Na altura foram assinados acordos de colaboração entre os dois operadores públicos. Dois anos depois, em 1996 é criado, formalmente, um grupo de trabalho entre a RDP a RTP e a LUSA para estudar possíveis sinergias entre as empresas” (Santos, 2003, p. 217).

Finalmente, com sede em Lisboa, a RTP chega hoje a vários pontos do país, de modo a abranger todas as regiões. Neste sentido, conta com a ajuda do “Centro de Produção do Porto e os Centros de Emissão Regional de Bragança, Coimbra, Castelo Branco, Évora e Faro” e ainda as delegações de Viana do Castelo, de Vila Real e de Viseu, estando também instituída nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira⁴”.

⁴ Informação retirada de <http://www.rtp.pt/programa/tv/p1155> [Consult.3/08/19]

Hoje, com mais de meio século de emissões, a RTP rege-se segundo os princípios do Código de Ética e Conduta da Rádio e Televisão Portuguesa⁵, fundamentais para a sua atuação enquanto operadora de serviço público a nível nacional e essenciais para assegurar a sua marca histórica e identitária.

1.2 – O Serviço Público de televisão

Quando falamos de serviço público de televisão, também conhecido pela sigla SPT, temos, obrigatoriamente, que mencionar que a Rádio e Televisão de Portugal é a única operadora de serviço público em território nacional, responsável pela distribuição dos serviços de rádio e televisão. Partindo deste ponto de vista, e pelas razões históricas que já mencionámos anteriormente, percebemos que a RTP tem, efetivamente, uma responsabilidade acrescida: chegar a um vasto e heterogéneo público e cobrir alargados segmentos de população⁶, contribuindo, de certa forma, para o desenvolvimento do país. Nas palavras de Joaquim Fidalgo (2003), o aparecimento do serviço público de televisão “costuma associar-se à criação da *British Broadcasting Corporation*, BBC, em 1926, cujo carácter pioneiro acabou por servir, em boa medida, de padrão e modelo orientador para os diversos países do espaço europeu” (Fidalgo, 2003, p.23).

Em Portugal, a existência do serviço público de televisão nasceu com a RTP e pode, nos dias de hoje, ser encontrada e consultada em três documentos distintos: na Constituição da República Portuguesa, na Lei da Televisão e, naturalmente, no contrato de Concessão de Serviço Público atualmente em vigor. Para termos uma maior noção daquilo que representa este serviço, no atual contrato de concessão podemos ler o seguinte: “que é imperativo do Estado assegurar a existência e o funcionamento de um SPT (...) devendo para isso garantir os meios necessários suficientes e apropriados à sua prestação” (Contrato de Concessão de Serviço Público de Rádio e Televisão, 2015). Neste sentido, na obra *De que é que fala quando se fala em Serviço Público de Televisão?*, Fidalgo (2003) enumera alguns aspetos fundamentais importantes para o bom funcionamento do serviço público, entre os quais destacamos: a universalidade, isto é, fazer chegar televisão a todos os cidadãos do país e em igualdade de condições de acesso;

⁵ Código de Ética e Conduta da RTP, disponível em: http://media.rtp.pt/empresa/wp-content/uploads/sites/31/2015/07/Codigo-Etica-Conduta-da-RTP_1-Fev-2017-1.pdf [Consult. 3/08/19]

⁶ Informação retirada do site do canal <http://media.rtp.pt/empresa/rtp/missao/> [Consult. 3/08/19]

a diversidade de uma programação variada, regida genericamente pela conhecida trilogia: informar, formar e entreter; o financiamento público, através de uma taxa associada à posse de um aparelho de televisão ou mediante recurso ao orçamento de Estado; e, finalmente, a independência face aos diferentes governos e interesses particulares (Fidalgo, 2003, p.45).

Se, por um lado, as opiniões acerca do fenómeno televisivo podem ser as mais dispare, o debate sobre aquilo que é ou deve ser o serviço público de televisão, também está na ordem do dia e levanta grandes questões à sua volta. Felisbela Lopes (1999) e Eduardo Cintra Torres (2011) são os dois autores portugueses que mais têm discutido sobre a problemática do serviço público de televisão. De uma maneira geral, os dois autores concordam com a ideia de que o serviço público televisivo deve promover a aprendizagem e proporcionar a distribuição de uma informação de referência.

No artigo *Serviço Público de Televisão: crise, identidade e desafios*, Felisbela Lopes discorre sobre a problemática do SPT, ao mesmo tempo que nos obriga a refletir acerca da mesma. Para além disso, aponta cinco valores, encarados aqui como missões, que este serviço tem de ter. São eles a igualdade, a neutralidade, a continuidade, a mutabilidade e a participação dos cidadãos. Tendo em conta este cenário, Lopes (1999) coloca a tónica no princípio da igualdade, afirmando que este “coloca todos os cidadãos ao mesmo nível perante a lei, impedindo qualquer discriminação” (Lopes, 1999, p. 136). De facto, o serviço público de televisão deve ter a capacidade de chegar a todos os cidadãos, independentemente da sua condição social. Partindo desta premissa, Felisbela Lopes acrescenta que “a informação televisiva de um canal de serviço público deve promover os valores das maiorias e das minorias, as realidades quer urbanas quer rurais, tanto as posições oficiais como as posições populares” (Lopes, 1999, p.136). Neste sentido, associado a este valor está o princípio da neutralidade também evocado pela autora. O princípio da neutralidade pressupõe, de maneira geral, que as emissões estejam abertas a todos os grupos da sociedade, servindo todos os telespetadores. Por conseguinte, o princípio da mutabilidade está relacionado com a oferta de gostos e hábitos de consumo que vão surgindo na sociedade, pelo que é necessário que a televisão pública se adapte a essas mudanças.

Da mesma forma, Torres (2011) concorda que as emissões de Serviço Público de televisão devem direccionar a sua atenção para os conteúdos de interesse público. Com isto, o autor reforça a ideia de que “o dinheiro público deve ser canalizado para conteúdos que os privados não fazem, caso contrário é um desperdício do esforço dos cidadãos

quando pagam os seus impostos» (Torres, 2011, pp. 87-88). Depois de um debate que se tem prolongado ao longo dos anos, o autor admite que a estratégia de serviço público deve ser repensada: “o serviço público como serviço prestado à comunidade, no todo e nas partes, pelo custo estritamente necessário e sem substituir ou concorrer com serviços similares já disponíveis à mesma comunidade” (Torres, 2011, p. 83).

A história da televisão pública em Portugal, aqui representada pelo grupo RTP, foi e continua a ser marcada pelas constantes pressões por parte do Estado e também pelo mercado da concorrência. Neste aspeto, não podemos deixar de referir que, “depois de extinta a taxa de TV pelo Governo de Cavaco Silva, em 1991, taxa que foi durante muitos anos a principal fonte de receita da RTP, a televisão pública portuguesa depende agora quase exclusivamente das receitas da publicidade e, claro, dos apoios estatais” (Cádima, 1995, p. 20).

Finalmente, podemos afirmar que o sucesso do serviço público de televisão dependerá do próprio público, embora saibamos reconhecer a missão que este serviço tem ou deve ter. Numa altura em que o digital está a crescer a um ritmo sem precedentes, torna-se necessário repensar as estratégias de televisões públicas. Segundo Gonçalo Reis, membro da administração da RTP, parece ainda existir na Europa uma incompatibilidade a nível político, no que diz respeito a um serviço público de televisão mais consistente.

1.3 – A escolha da RTP

Visto que desde jovem a televisão e o desporto foram sempre as minhas grandes ocupações, pensei em juntá-las e daí surgiu o gosto pelo jornalismo. Para além disso, avizinhava-se a oportunidade de poder realizar um estágio no canal de eleição para os meus avós maternos e no qual me apaixonei pela Seleção Nacional de Futebol. Foi no “canal um”, como a avó Hortelinda lhe chamava, que, em 2004, assisti àquela final do Campeonato Europeu de Futebol onde Portugal perdeu em casa com a Grécia e ficou muito perto de fazer história. Anos mais tarde, em 2016, Portugal voltou a marcar presença na final, desta vez em França, e sagrou-se Campeão Europeu de Futebol pela primeira vez. Na impossibilidade de assistir ao vivo à final da competição, doze anos depois, sintonizei novamente a televisão lá de casa na RTP e assisti à transmissão daquela que foi a maior conquista da história do futebol nacional até aos dias de hoje.

A meu ver, a RTP era e é a instituição de eleição no panorama do jornalismo português e, por isso, seria aquela que me permitiria adquirir um maior número de

conhecimentos e experiências enquanto futuro jornalista. Para além da televisão, a empresa conta ainda com a rádio e o *online*, que são áreas onde poderia também apostar na aprendizagem de novas competências.

Para além disso, embora já tenha realizado um estágio num canal desportivo (*BTV*) depois de terminar a licenciatura, senti que não era num canal destinado a um clube português que iria aprender realmente o que é tratar, selecionar e produzir notícias no âmbito desportivo. De forma a colmatar estas minhas dúvidas e curiosidades, decidi realizar o estágio curricular, com o intuito de concluir o Mestrado em Jornalismo, num canal generalista como a RTP.

1.4 – Análise participativa do estágio

1.4.1 – Calendarização

O estágio foi de cariz curricular e realizou-se desde o dia 4 de fevereiro a 30 de junho de 2019. Inicialmente, estava estipulado pela Escola Superior de Comunicação Social (ESCS), juntamente com a RTP, que o estágio tivesse uma duração de 3 meses. Ao chegar a maio, foi feito um pedido por parte do João Pedro Mendonça (editor da redação de desporto de Lisboa) e do Alexandre Santos (chefe da redação de desporto de Lisboa) para que houvesse um prolongamento do estágio por mais três meses. A ESCS atendeu ao pedido, mas apenas por mais dois meses.

Foi-me estipulado um horário das 14h às 21h, se bem que a carga horária dependia sempre das atividades onde estava envolvido. Geralmente folgava aos fins-de-semana, exceto quando houvesse serviços importantes nesses mesmos dias, nos quais acompanhava a equipa de reportagem. O estágio decorreu sempre na sede da empresa, na Avenida Marechal Gomes da Costa, em Lisboa.

1.4.2 – O estágio

4 de fevereiro de 2019, o dia pelo qual ansiei desde o momento em que soube que tinha entrado no Mestrado de Jornalismo. À chegada às instalações, rapidamente me apercebi que estava apenas à distância de um torniquete para construir a minha história naquele que foi o primeiro canal televisivo a surgir no nosso país. Com o nervosismo e a ansiedade que tanto me caracterizam a acompanharem-me nos primeiros passos pelos corredores, lá fui em direção à *Academia RTP* para receber as primeiras indicações. Foi-me dado um número de funcionário que me permitiria entrar nas instalações e para além

disso, um nome de utilizador e uma *password* para que pudesse aceder ao sistema interno da RTP. Depois de tratar das burocracias habituais com um coordenador do departamento de estúdios, o resto da manhã ficou reservado para um passeio pelo interior das instalações. Visitei os estúdios, as régies, a redação, as rádios e até o refeitório, onde acabei por fazer amizades com alguns dos funcionários. Já na parte da tarde, uma responsável pelos recursos humanos acompanhou-me para o lugar onde passei a maior parte dos cinco meses, a redação de desporto. Fui bastante bem recebido e fiquei logo com a ideia de que havia um bom ambiente de trabalho entre todos. Sendo assim, a primeira semana serviu não só de ambientação à nova realidade, como também serviu para perceber as dinâmicas e as rotinas da redação. Com vontade de ajudar e participar nas tarefas, procurei rapidamente descobrir como tudo se processava antes das notícias surgirem nas televisões das casas dos telespectadores. E a verdade é que, dos 10 jornalistas que compõem a equipa de desporto de Lisboa, todos eles facilitaram-me o caminho dessa descoberta.

Bastou pouco tempo para entender que a ferramenta mais importante da redação é o *ENPS – The Nacional News Producion System*. É neste programa que são escritas notícias e reportagens correspondentes a cada linha do alinhamento de determinado bloco informativo. Através dos alinhamentos é possível ver as notícias que estão ordenadas para passar durante as emissões dos noticiários. Desde convidados, jornalista que escreveu cada notícia, duração de intervalos, entre outras tantas informações acerca do que está alinhado, é tudo registado neste *software*. É também no *ENPS* que os jornalistas dão conta, minuto a minuto, de notícias e comunicados das agências noticiosas com quem têm protocolo, que no caso da RTP, a *Reuters*, a *France Press*, e a *Lusa* são as principais.

Relativamente à distribuição do serviço, o jornalista e editor João Pedro Mendonça e o jornalista e chefe de redação Alexandre Santos decidem em conjunto as tarefas para cada um dos jornalistas da redação. Muitas das vezes saem em reportagem, outras vezes o trabalho é definido consoante a informação que chega através das agências noticiosas ou das fontes de cada jornalista. O trabalho é distribuído para cada um, de forma a que as notícias entrem o mais rápido possível nos blocos informativos. Às 17h30 surge o primeiro espaço informativo dedicado ao desporto em Lisboa no programa *3 às 17* na RTP3, que reúne tudo aquilo que foi feito durante o dia pelos jornalistas. O programa tem como pivôs o jornalista Carlos Manuel Albuquerque ou a jornalista Clara Osório, dependendo do horário de cada um. Depois disso, e sempre em sintonia com a equipa de desporto da RTP Porto, a redação continua à procura de informações que sejam

passíveis de se tornarem notícias para os restantes programas de desporto do dia. Os estúdios em Lisboa estão reservados para desporto no programa *3 às 17*, como já tinha referido anteriormente, e para o *360* na RTP3 por volta das 22h. Já nos estúdios do Porto, o desporto está reservado para os blocos informativos da RTP3 no *3 às 19* e no *24 horas*. Não menos importante, até porque corresponde ao bloco informativo principal do canal, para o *Telejornal* estão alinhadas as notícias mais importantes do dia. Naturalmente que o desporto tem um lugar mais reduzido neste espaço informativo, exceto em dias em que as notícias de cariz desportivo sejam realmente relevantes.

No que diz respeito ao trabalho do jornalista quando sai em reportagem, este é sempre acompanhado de um repórter de imagem que tem como missão gravar ou mostrar, caso seja um direto, aquilo que é importante as pessoas verem em casa. Muitas das vezes, o jornalista reúne antes com o repórter de imagem para lhe explicar os planos que precisa para posteriormente produzir a peça. Depois da equipa de reportagem voltar às instalações da empresa, o repórter de imagem dá o cartão de memória com as filmagens ao jornalista para este levar para o departamento de *AGS – Aquisição e Gestão de Sistemas* – lugar onde estão os servidores da RTP, para que estas fiquem disponíveis no programa de edição de vídeo, *Quantel*. Ao chegar à redação, o jornalista começa por analisar as imagens que foram retiradas no campo, ouvir com atenção as bocas dos entrevistados e posteriormente escrever o texto para gravar a voz *off* e montar a peça.

Depois de interiorizar toda esta informação ao longo da primeira semana, eis que chegou a hora de dar então os primeiros passos e o meu contributo para a redação. Comecei por aprender a compor e a editar blocos de imagens no *Quantel*, um programa de edição com o qual nunca tinha estado em contacto, mas que foi fácil de aprender. Rapidamente me ofereci para fazer os *clips* que acompanham os *off's* que o pivô lê em direto, até que, pouco tempo depois, os jornalistas sentiram confiança para me deixar escrever notícias em *off* que iriam fazer parte do alinhamento do bloco informativo mais próximo. Quanto às peças, a RTP não permite que sejam colocadas no ar aquelas que foram feitas pelos estagiários que estão a realizar estágio curricular. Naturalmente que gostava de ter tido essa oportunidade, mas não deixei de produzir peças porque queria ganhar ritmo e mostrar aos meus colegas a minha evolução. E por falar em evolução, essa foi sempre constante. Se no início demorava muito a encontrar a abordagem inicial da peça, no final já conseguia acompanhar os tempos que a televisão exige. Como se sabe o tempo é escasso na televisão e, por isso, é preciso haver capacidade de sintetizar o texto, sem nunca cortar a informação importante. Um texto conciso, acompanhado de frases

curtas e com uma abordagem inicial pujante, é o segredo para agarrar a atenção dos telespectadores em casa. No desporto não é necessário só escrever bem. É preciso sim ter a capacidade de escrever um texto informativo para as imagens que foram captadas no terreno. Aqui não existe a frase “pintar a peça”, aqui escreve-se para as imagens sem nunca se perder o objetivo principal, a informação. Este pequeno aspeto foi das coisas que mais gozo me deu a praticar, principalmente quando fazia resumos de jogos de futebol. Porquê descrever um lance de golo apenas com uma frase simples e que está ao alcance de qualquer um? Não será melhor descrever a jogada recorrendo à imaginação dos melhores adjetivos para descrever as imagens que estamos a ver sem nunca perder o foco principal da informação? Na RTP é assim que a maioria dos jornalistas de desporto trabalham e ter a oportunidade de aprender a fazer notícias, peças ou reportagens como eles foi-me bastante gratificante.

Lembro-me da primeira vez que treinei um falso direto. Já para lá das onze da noite e depois de me terem desafiado a fazer um resumo de um jogo dos quartos-final da Liga dos Campeões, como se fosse para entrar no bloco informativo imediatamente a seguir ao encontro, o meu orientador de estágio pediu-me para levantar e disse: “imagina-te agora à porta do estádio rodeado de adeptos. Eu estou no estúdio e vou-te lançar para direto.” E ali foi. No meio da redação tentei imaginar-me com o microfone da RTP à porta do estádio e a verdade é que fiquei logo tão nervoso como se estivesse a viver realmente aquela realidade. Mais tarde, voltei a treinar um falso direto e dessa vez já mais a sério. Tinha saído com a equipa de reportagem para a Cidade do Futebol em Oeiras, onde a Seleção Nacional de Futebol estava em estágio, e no final da conferência de imprensa, o jornalista João Miguel Nunes pediu-me para me colocar à frente da câmara e gravar um falso direto à frente de todos os outros jornalistas que estavam presentes. Para meu espanto correu melhor do que aquilo que estava à espera.

Por falar em saídas da redação para acompanhar o trabalho dos jornalistas, esse foi sempre um aspeto agridoce. Sabia que era importante perceber como é trabalhar no terreno, mas nunca me foi dada a oportunidade de realmente “meter mãos à obra”. Senti que havia momentos em que poderia ser eu a recolher declarações dos entrevistados visto que o que ia para o ar eram apenas essas mesmas declarações sem sequer aparecer a minha voz ou imagem. Exemplo disso, foi nos jogos da Seleção Nacional de qualificação para o Campeonato Europeu de 2020. O jornalista João Miguel Nunes ainda sugeriu à chefia que fosse eu a recolher declarações dos adeptos, para posteriormente ele próprio fazer

uma peça quando chegasse novamente à redação, mas não fui autorizado e acabei por limitar-me a observar o trabalho do jornalista, tal como em todas as outras saídas.

Enfim, cinco meses passaram a correr. Terminei o estágio com a sensação de que hoje sei como tudo funciona para lá daquela caixinha que todos temos nas nossas salas, a televisão. Não só aprendi a escrever, a gravar voz e a compor peças, como também acompanhei de perto as saídas em reportagem, as transmissões de encontros desportivos e o dia a dia de cada jornalista na redação. O mais importante de tudo é que todos os jornalistas contribuíram para que eu me sentisse como membro daquela equipa e me ajudaram a crescer como futuro jornalista. Já para não falar da boa relação que construí com cada um para lá do contexto de trabalho, que certamente foi o grande motivo pelo qual tanto me custou ter de voltar a passar para o lado de fora dos torniquetes.

Capítulo II – O desporto no jornalismo

“Escrever sobre futebol é tentar objetivar o subjetivo,
procurar ordem no desornado terreno das paixões”

- Ignacio Ramonet⁷

2.1- Breve história sobre a imprensa desportiva

Foi a partir de meados do século XIX que começaram a surgir os primeiros artigos periódicos com títulos ligados ao desporto. Não só em Portugal, mas também um pouco por toda a Europa, a tendência inicial destas primeiras publicações, centrava-se na esfera da ginástica, caça e até no ciclismo. Na transição do século XIX para o século XX, Curto (2006) dá conta de que “os vestígios que indicavam a existência de uma narrativa desportiva na imprensa eram muitos escassos”, onde “a notícia sobre desporto ocupava um espaço residual na generalidade da imprensa portuguesa” (Curto, 2006, p.580).

O interesse inicial pela cobertura de notícias desportivas está, muitas vezes, associado a revistas como *Bell's Life* ou *Weekly Dispatch*. Tanto estas publicações como a *London Sporting Magazine* ou a *English Sporting Magazine*, ambas britânicas, surgiram primeiro que algumas publicações desportivas americanas (onde se acredita ter “nascido” o jornalismo desportivo) e foram usadas como modelo para as mesmas. No entanto, foi nos Estados Unidos da América, que a imprensa desportiva se desenvolveu, ainda durante o século XIX, com o aparecimento dos jornais como parte de uma rede de comunicação de massas. Na opinião de Boyle (2006), não é uma surpresa que tenham existido dificuldades duradouras no jornalismo desportivo, no que diz respeito às noções de rigor jornalístico e à promoção mais acrítica dos desportos das equipas, mas também dos indivíduos por parte dos jornais. Por sua vez, já no fim do século XIX, “os jornais britânicos eram cada vez mais comerciais, partidários e os *commodities* nacionais e a cobertura desportiva era reconhecida como um dos elementos que ajudariam ao crescimento das vendas” (Boyle, 2006, p. 31).

Os avanços no desenvolvimento da imprensa desportiva deram-se quando Joseph Pulitzer, jornalista e editor húngaro, tomou posse do *New York Herald*. Ao dedicar uma secção apenas ao desporto, Pulitzer tomou consciência de que a imprensa desportiva poderia ser um exemplo do ‘novo jornalismo’ da época, por ser uma atração

⁷ Ramonet, I. (1998). *La Tirania de la Comunicacion*. Madrid: Editorial Debate

já pronta para o mercado de massas e por ser um foco de interesse humano. Boyle destaca ainda a importância que o valor comercial foi adquirindo, acrescentando que o mesmo “era devidamente reconhecido pelos editores (muitos dos quais sem interesse no desporto) e, desta forma, os impérios desportivos foram construídos dentro dos jornais e o jornalismo desportivo começou a desenvolver os seus próprios códigos e práticas, muitas das vezes com pouca interação com outros jornalistas do jornal” (Boyle, 2006, p.35).

Em Portugal, entre 1641 e 1873, publicaram-se mais de mil jornais, sendo que nenhum destes tratava apenas de desporto. Aqui podemos compreender a dificuldade de implementação do jornalismo desportivo. Na verdade, o caso da imprensa portuguesa “começou a dar os primeiros passos numa sociedade ainda pouco familiarizada com a ideia de desporto e educação física, cujas primeiras atividades não passavam, muitas vezes, de uma importação elitista do modelo parisiense” (Pinheiro, 2011, p.23). Na obra *História da Imprensa Desportiva em Portugal* (2011), Francisco Pinheiro refere que um dos primeiros jornais generalistas a publicar notícias sobre desporto foi o *Diário Ilustrado*, em 1877. Nessa edição, a primeira página do diário foi reservada para uma imagem do Hipódromo de Belém, depois de uma corrida de cavalos. Este foi, segundo o autor, um ponto de viragem que, mais tarde, culminou na criação de uma secção desportiva permanente no *Diário Ilustrado* (Pinheiro, 2011, p.29).

A partir da década de 1880, e até 1910, o jornalismo desportivo começou, efetivamente, a ganhar relevo. O interesse por captar e reportar um variado número de acontecimentos e eventos desportivos, culminou com a substituição de alguns periódicos de especialidade para jornais desportivos como foi o caso do jornal *O Velocipedista*, com sede no Porto. Se o período entre 1875 e 1893 foi totalmente dominado por jornais dedicados às especialidades de tauromaquia⁸, ginástica, caça e ciclismo, a partir de 1890 “o futebol passou a ser um dos temas em destaque nas várias secções desportivas dos jornais generalistas” (Pinheiro, 2011, p.32). Depois do passo dado pelo *O Velocipedista*, a primeira publicação a surgir com um título genérico (sem conotações com uma modalidade) e com conteúdos desportivos diversificados foi *O Sport*, publicado em 1884, em Lisboa. Apesar do avanço que se começava a sentir relativamente ao jornalismo desportivo e às publicações que iam surgindo, o jornal

⁸ Termo associado às corridas com touros.

teve uma curta duração. No entanto, regressou anos mais tarde, em 1897, no formato de semanário. Nem mesmo como semanário, o jornal sobreviveu mais que quatro edições, tal como os outros periódicos que apareciam ao longo deste período. Pinheiro explica que o problema da curta longevidade das publicações desportivas generalistas estava relacionada com a falta de leitores e a pouca publicidade. O autor acrescenta ainda que:

“O jornalismo desportivo enquanto profissão era ainda inexistente, e grande parte dos jornalistas pertencia à elite portuguesa, dispondo assim de tempo para o desporto e para o jornalismo desportivo. Na sua maioria, eram desportistas e enveredavam pela criação de jornais como forma de promoverem as modalidades desportivas em que estavam envolvidos” (Pinheiro,2011, p.35-36).

Respetivamente, entre os anos de 1894 e 1900, apareceram 23 publicações relacionadas com desporto em Portugal, todas elas distribuídas entre jornais generalistas desportivos e jornais desportivos de especialidade. Deste número, apenas três tiveram origem no Porto e as restantes 19 em Lisboa. De salientar que *O Toureiro* confirmou a exceção a este centralismo, sendo lançado na Ilha Terceira, nos Açores.

Aos poucos, também o automobilismo foi aparecendo em algumas publicações no mercado do jornalismo desportivo português, ao mesmo tempo que foram também surgindo os primeiros boletins de associações desportivas, “cuja principal função era informar os sócios das atividades e do desenvolvimento de uma determinada modalidade em Portugal e no estrangeiro” (Pinheiro, 2011, p.72).

Com o passar dos anos, um dos maiores entraves ao desenvolvimento da imprensa desportiva esteve relacionado com a falta de união existente no meio desportivo português, que obrigava os periódicos a lançarem, regularmente, apelos à coesão. Em contrapartida, já na década de 20 do século XX:

“o jornalismo português sofreu algumas mudanças. A entrada em cena de alguns jovens jornalistas desportivos fez com que, na opinião de alguns periódicos, (*O Sport de Lisboa, O Desporto e O Porto Sportivo*), tivesse

diminuído a qualidade da crítica desportiva, passando os cronistas desportivos a parecerem mais repórteres do que doutrinários” (Pinheiro, 2011, p.82).

Foi também durante esta década que surgiram novas publicações desportivas generalistas em zonas mais regionais do país. As cidades de Évora e Viseu fundaram, respetivamente, o *Sul Desportivo* e o *Viseu-Sport*, dando destaque principalmente ao futebol das respetivas regiões geográficas. Para Pinheiro, o jornalismo desportivo “só começou a ter alguma dimensão editorial e sustentabilidade noticiosa no início da década de 1920, o que justificava, em grande parte, a ausência até então de tentativas de criação de jornais desportivos diários” (Pinheiro, 2011, p.127).

Na segunda metade dos anos 30, a censura pouco se fez sentir na imprensa desportiva, registando-se apenas alguns avisos quanto à linguagem e às imagens utilizadas, com o intuito de evitar polémicas entre o desporto e a política. Ainda assim, a imprensa desportiva tentou sempre manter-se afastada da política, não colaborando em movimentações de contestação ou afronta contra o regime. Assim, durante o regime político do Estado Novo, o jornalismo desportivo acabou por ser impulsionado, pois, na opinião de Lemos (2006), “talvez por estar menos sujeito à censura, [o jornalismo desportivo] soube dinamizar a sua ação, tornando-se mais interveniente e agressivo nas entrevistas e nos comentários, por exemplo, do que podia sê-lo no jornalismo de informação geral” (Lemos, 2006, p.98). Assim, é possível identificar no jornalismo desportivo português três dinâmicas fulcrais que ajudam a explicar o seu desenvolvimento ao longo da história. A primeira está relacionada com um jornalismo generalista, representado pelas décadas de 20 e 30; a segunda está intimamente ligada à informação clubística e institucional (1950) e, finalmente, a terceira acaba por se caracterizar em periódicos especializados - década de 80 e 90 (Lemos, 2006, p.99).

É notório que foi durante o século XX que surgiram os principais jornais desportivos impressos em Portugal, no entanto apenas três deles ainda estão nas bancas nos dias de hoje: *A Bola*, *Record*, e *O Jogo*. O jornal *A Bola* foi fundado durante a década de 40 e é o diário desportivo mais antigo do país. Começou por ser bissemanário, mas, na década seguinte, acabou por se tornar trissemanário devido à crescente popularidade. Segundo Pinheiro (2011), foi preciso chegar a década de 90 para o jornal se tornar diário, com tiragens acima dos 160 000 exemplares (Pinheiro, 2011, p.390).

Já o jornal *O Record* surgiu no final da década de 40 e Pinheiro (2011) afirma que foi no mesmo local onde foi criado, quatro anos antes, o jornal *A Bola* que apareceu um novo semanário desportivo na imprensa portuguesa. Com publicações sempre viradas mais para o contexto futebolístico do que para o resto das modalidades, *O Record* não conseguiu concorrer com *A Bola*, que foi sempre a principal escolha dos leitores até à década de 80. Antes de se tornar um jornal diário a 1 de março de 1995, *O Record* também passou por uma fase de evolução. Em 1991, o jornal era publicado quatro vezes por semana e, já em 1993, começou a estar presente nas bancas nos cinco dias da semana, o que contribuiu para um crescimento do jornal e para que este se viesse a tornar também ele diário. (Pinheiro, 2011, p. 393).

O último jornal daqueles que fazem parte do trio da imprensa desportivas dos dias de hoje a aparecer foi *O Jogo* em 1985. Surgiu logo como um jornal de tiragem diária e foi o único que nasceu fora de Lisboa. Daniel Murta (1997) apresenta duas razões para o jornal ter sede na cidade do Porto: primeiro porque o desaparecimento do *Norte Desportivo* deixou esta região do país sem um jornal desportivo e, por outro lado, o Futebol Clube do Porto, sendo o maior clube da cidade, apresentava naquela época conquistas e sucessos futebolísticos que eram do interesse dos adeptos do clube (Murta, 1997, p. 22).

De forma a compreendermos melhor a importância destes três jornais desportivos na imprensa portuguesa, Pinheiro (2011) afirma que depois destes se terem tornado diários, *A Bola*, *O Record* e *O Jogo*, “vendiam, no seu conjunto, quase tantos exemplares como os quatro principais jornais de informação geral” (Pinheiro, 2011, p. 419).

Os primeiros anos do século XX foram fundamentais para o futebol ganhar o estatuto de tema dominador nas páginas dos periódicos desportivos. Para além do fanatismo dos adeptos dos principais clubes portugueses e da seleção nacional, o futebol acaba por ser hoje o desporto que mais páginas ocupa na imprensa desportiva. “À volta do futebol, e dos seus principais clubes, iria desenvolver-se o noticiário (e as tiragens) da imprensa desportiva generalista de referência ao longo do século XX, dominando o binómio e escândalo vs. moral numa retórica de quanto maior o escândalo maior as vendas” (Pinheiro, 2011, p.438).

Num estudo levado a cabo por Tunstall (1971), no qual se fala do destaque dado ao futebol por volta de 1900, a cobertura de notícias sobre futebol limitava-se aos

jogos. Por sua vez, em 1950, começou a prestar-se mais atenção às personalidades, às táticas e às transferências. E, por isso, não é surpreendente que, nos anos 60, o futebol predominasse nas capas dos jornais, ainda que só existissem jogos duas vezes por semana. O autor do estudo aponta ainda os anos 60 como o período em que o comentário desportivo passou a ser um elemento central do jornalismo desportivo. Tal só foi possível devido à crescente popularidade da televisão, bem como ao destaque que começou a ser dado ao desporto e, em particular, ao futebol (Tunstall, 1977, p.88). Mais à frente, dedicaremos maior atenção a esta modalidade em particular.

2.2 – O jornalismo desportivo nos dias de hoje

Quando se fala em jornalismo, muitas das vezes a imprensa desportiva é deixada de parte. Simultaneamente, há uma preocupação com o crescente aumento das *soft news* e de notícias relacionadas com celebridades e a imprensa desportiva está a passar pelo mesmo fenómeno. Neste sentido, Boyle (2006) afirma que “o aumento das notícias desportivas e a suposta fixação dos espetadores como celebridades desportivas (...) é visto com um exemplo de ‘dumbing down’” (Boyle, 2006, p.8).

Atualmente, no jornalismo, conceitos como rigor e exatidão estão cada vez mais presentes nas redações. Este aspeto verifica-se ainda mais na secção de desporto, na medida em que os editores têm como principal preocupação a aplicação destes conceitos na publicação de notícias, o que faz com que o jornalismo desportivo viva a sua melhor fase, uma vez que nunca foi tão sistemático e rigoroso. Desta forma, “a imprensa desportiva apresenta uma relação interessante com o fenómeno da tabloidização” (Boyle, 2006, p. 10). O jornalismo desportivo é, regra geral, desvalorizado, continuando a estar abaixo do que é considerado jornalismo ‘sério’. Este aspeto ajuda a compreender o porquê de o jornalista desportivo ter um estatuto inferior comparado ao resto dos jornalistas. A tradição de sair da redação à procura de informação é mantida pelos jornalistas desportivos, enquanto que, noutras vertentes jornalísticas, o trabalho é todo realizado dentro da própria redação, através da troca de e-mails e chamadas. Existem autores que têm dúvidas acerca da legitimidade da imprensa desportiva no contexto jornalístico. Daí

⁹ Em português, *emburrecer* - tornar ou ficar burro ou estúpido (*Priberam*. [Internet] Disponível em <https://dicionario.priberam.org/emburrecer> [Consult. 19/12/18].

que alguns autores não lhe deem importância isolada e o agrupem com categorias como o entretenimento e o *lifestyle*. Boyle, acrescenta que:

“Se o jornalismo significa a disseminação da informação e facilita a discussão sobre questões sociais, políticas, económicas e culturais pertinentes para uma sociedade, então o desporto, por muito que alguns académicos o rejeitem, faz parte dessa noção. O desporto pode, por vezes ser trivial e não tão importante, e por outras uma forma simbólica culturalmente significativa, que é um indicador de forças sociais e culturais maiores na sociedade” (Boyle, 2006, p.11-13).

É natural que, nos dias de hoje, quando observamos o universo das publicações desportivas, não só no caso da televisão, como também na imprensa e na rádio, damos conta de que cada jornalista e comentador têm a sua forma de se posicionar perante o confronto de identidades sociais que qualquer evento desportivo envolve. Na verdade, a competitividade vivida no mundo do desporto realça a rivalidade entre representantes de países, cidades, ou até mesmo de pequenas regiões, tanto ao nível individual, como de clubes e seleções nacionais. “A forma como se transmitem estes acontecimentos está muito dependente do tipo de postura e deposição adotadas pelo emissor da informação desportiva” (Coelho, 2004, p.29).

Não será necessária uma análise tão profunda sobre a imprensa desportiva para perceber que os jornalistas, quando está em causa um jogo da seleção nacional, tendem a adotar um discurso patriota. Assim, a parcialidade é, nestes casos, assumida e manifestada de uma forma espetacular e emocional e é vista como uma espécie de obrigação moral de patriotismo. No entanto, no que diz respeito a provas onde estejam envolvidos os clubes nacionais, “é procurada a imparcialidade e neutralidade (num esforço mais ou menos bem-sucedido), que surgem como obrigações óbvias e indispensáveis para os jornalistas desportivos. Quando essa imparcialidade não é conseguida ou respeitada, são muitas as vezes que se levantam, acusando e criticando a preferência demonstrada” (Coelho, 2004, p.29).

Desta forma, não é surpreendente que as publicações acerca da seleção nacional nos *media* desportivos portugueses não sejam diferentes do que eram há meio século atrás, ao serem sempre produzidas “no sentido de defender e promover a importância de bem representar e apoiar as representações nacionais, mesmo pela própria ação do jornalista,

que afinal de contas se vê a si próprio como estando no ‘mesmo barco’ de todos os portugueses” (Coelho, 2004, p.30).

Num país onde o universo futebolístico é maioritariamente caracterizado pela predominância dos três principais clubes (Benfica, Sporting e Porto), e aos quais os adeptos portugueses atribuem maior importância, “é muitas vezes repetida pelos jornalistas desportivos a necessidade de colocar e situar a seleção nacional como o mais ‘alto interesse’ e prioridade no futebol em Portugal” (Coelho, 2004, p.38). Deste modo, é notório que existam, habitualmente, apelos dos produtores dos jornais desportivos para que haja um maior apoio à seleção nacional.

Finalmente, a ideia principal que se retira da imprensa desportiva portuguesa é que, para a generalidade dos jornalistas desportivos, defender e honrar o país é um dos principais objetivos da redação, em qualquer competição internacional. Da mesma forma que o papel dos jogadores é defender e lutar pelo patriotismo, também quem assiste aos encontros, tal como os jornalistas, sente a obrigação de levar avante a missão de representar Portugal. Deste modo, Coelho (2004) reforça também a ideia de que “o jornalista trata de ‘vestir a camisola’, enquanto forma de lealdade e pertença a um coletivo, a uma comunidade. Assim coloca-se a seleção nacional no centro” (Coelho, 2004, p.30).

Em relação à figura do jornalista desportivo, pode dizer-se que a mesma está a mudar, na medida que o desporto desenvolve a sua capacidade de oferecer conteúdos essenciais para diferentes plataformas. O facto de, por exemplo, jornalistas de imprensa irem frequentemente à rádio comentar e opinar sobre eventos e notícias desportivas fez com que se aumentasse os perfis de jornalistas desportivos, contribuindo para o seu estatuto de celebridade. Do mesmo modo, há quem veja o jornalista desportivo apenas como um “fã com uma máquina de escrever”, aludindo à ideia de que este quase nunca é imparcial. No entanto, o editor de desporto do *The Times*, David Chappel, citado por Boyle (2006), diz que “primeiro somos jornalistas e só depois é que somos amantes de desporto”, dando a entender que o jornalista desportivo se tem, assim, tornado mais competitivo e mais profissional (Boyle, 2006, p.175).

Não é novidade nenhuma que, com o passar do tempo, o desporto conquistou um lugar no quotidiano da sociedade, independentemente de este estar relacionado com as competições desportivas ou com a incitação à sua prática para uma vida mais saudável. A verdade é que os espaços noticiosos desportivos são aqueles que mais audiências registam em todo o mundo. Neste sentido, os *media* têm sido um contributo essencial para

transmitir a mensagem relativa aos benefícios do desporto. Para Coelho (2001), “o carácter industrial crescente da imprensa desportiva está profundamente ligado ao desenvolvimento do desporto enquanto espetáculo de massas” (Coelho, 2001, p.57).

2.3 – O jornalismo desportivo na televisão

Foi durante a década de 30 do século XX que surgiram as primeiras transmissões televisivas de eventos desportivos, um pouco por todo o mundo. Nos Estados Unidos, a primeira competição desportiva emitida em televisão calhou ao basebol, em 1935. Por sua vez, um ano depois, na Alemanha, foram transmitidos os Jogos Olímpicos de Berlim. Também Inglaterra não foi exceção. Em 1937, a *British Broadcasting Corporation* (BBC) foi a primeira a emitir o torneio de ténis Wimbledon. O futebol só chegaria mais tarde a França, mais precisamente em 1948. Boyle (2006) recorda que “os franceses tiveram oportunidade de assistir ao campeonato do mundo de futebol através da televisão” (Boyle, 2006, p. 73). Já em Portugal, as emissões dos primeiros acontecimentos desportivos chegam com a RTP, o único canal de serviço público.

Atualmente, de acordo com a Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), a televisão tem conseguido manter o “protagonismo como principal meio noticioso” (Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2015).

A “caixa que mudou o mundo” (Wolton, 2000, p.78), também conhecida como televisão, vê-se hoje obrigada a repensar algumas estratégias de programação com base na captação de um maior número de audiências que se traduz na sobrevivência do canal. O jornalismo desportivo é um dos responsáveis por esse fenómeno, visto que a transmissão de um evento desportivo garante a subida de audiências. Não é de agora que as pessoas se reúnem em espaços públicos para acompanhar a cobertura de uma competição desportiva. Se antes o acompanhavam através da rádio, hoje fazem-no ao redor da televisão. Para Alcoba (2005), o interesse do público pelo desporto obrigou a televisão a aumentar a transmissão de conteúdos desportivos. Deste modo, os canais de televisão procuram garantir o direito das transmissões televisivas das competições para corresponder à necessidade dos telespectadores (Alcoba, 2005, p.77).

Em Portugal, a *Sport TV* é a detentora da transmissão dos jogos do campeonato português, à exceção dos jogos em casa do Benfica que são transmitidos no canal do clube, a *BTV*. As únicas competições nacionais a ter transmissão num dos canais generalistas são a Taça de Portugal, a Supertaça Cândido de Oliveira e os jogos da Seleção

Nacional, que são emitidos pela RTP. Já as competições europeias de clubes são atualmente garantidas pela SIC, no caso da Liga Europa, e pela TVI, no caso da Liga dos Campeões¹⁰. A aposta em programas desportivos é cada vez maior e até mesmo os jornais impressos já criaram os seus próprios canais. O jornal *A Bola* inaugurou o canal *A Bola TV* no ano de 2012, enquanto que o jornal *Record* criou o programa *Hora Record* que tem transmissão na *CMTV*. Rowe (2007) acredita que a junção entre desporto e jornalismo é cada vez maior, visto que se tornaram mutuamente indispensáveis. O autor afirma que “agora é quase impossível imaginar o desporto sem o olho humano, conjugado com a repetição; sem o *slow motion* e sem múltiplas perspetivas” (Rowe, 2007, p.13).

O jornalismo desportivo na televisão tem uma função dupla: consegue informar e em simultâneo é também considerado como espetáculo. Neste sentido, João Canavilhas (2001) afirma que os canais de televisão optam pela informação espetáculo, tendo em conta a necessidade de subir as audiências. Nas palavras do autor, “melhor programação obriga a maiores investimentos. Mais investimento exige mais receitas publicitárias e estas são a consequência do aumento das audiências” (Canavilhas, 2001, p. 1).

2.4 – O Futebol como “desporto-rei”

Como mencionámos anteriormente, o desporto é uma fonte de audiências e, por sua vez, de rendimento para os órgãos de comunicação social. Neste sentido, o futebol, ao invés de outras modalidades, é aquele que tem conseguido ganhar maior relevo e atenção no espaço televisivo. Isto significa que o futebol é, sem dúvida, um dos desportos com maior impacto mediático, a nível mundial não só pelos jogos em si, mas também por todo o ambiente que se vive antes e após o jogo. Na opinião de Cardoso (2007), o futebol acaba por ir além dos noventa minutos e das portas dos estádios de futebol (Cardoso & Cardoso, 2007, p. 119).

Desta forma, o jornalista desportivo deve, ao longo da semana de trabalhos das equipas, acompanhar as mesmas e informar o público acerca daquilo que está fora do olhar dos adeptos. Desde os treinos semanais às antevisões dos jogos dos respetivos treinadores, ao estágio até à hora do encontro, à transmissão do mesmo, às conferências de imprensa pós-jogo e os programas de debate com um painel de comentadores acerca do resultado, tudo são tarefas que fazem parte da rotina do jornalista.

¹⁰ A Liga dos Campeões é também transmitida pela *Eleven Sports* e a Liga Europa pela *Sport Tv*.

O futebol é considerado por muitos o “desporto-rei” porque é seguido por milhões de adeptos, o que faz com que seja um espetáculo mediático. Facto este que o torna num negócio que envolve bastante dinheiro e que obriga ao fluxo de multidões. Aqueles que não se podem deslocar aos estádios para verem o evento ao vivo mantêm a relação com a modalidade através dos diferentes meios de comunicação, o que prova que existe uma relação inseparável entre os *media* e o desporto, em particular com a televisão. Desta forma, a transmissão de um jogo de futebol torna-se num grande negócio (Maguire, 2004, p. 8).

Para Novais (2010), “os eventos desportivos são, atualmente, um dos movimentos sociais mais mediatizados, seja por uma lógica de mercado ou por questões simbólicas, pois o desporto tem um papel fundamental na construção das identidades e subjetividades” (Novais *et al.*, 2010, p.66). Quer isto dizer que o futebol pode funcionar também como um elemento identitário porque desperta vários sentimentos nos adeptos. Não só no caso da seleção nacional, onde o país se une em torno de uma camisola só, por causa da bandeira ou do hino nacional, como também nos clubes, os emblemas que os jogadores carregam ao peito assumem uma função de redobrar as emoções do público (Coelho, 2001, p.38).

Neves (2006) salienta que, ao olharmos para Portugal, o futebol ganhou uma maior importância a partir de 1990, através do aparecimento das televisões privadas. É notório que o futebol tem bastante relevância social no nosso país, mas as notícias de teor desportivo só ganharam supremacia na agenda noticiosa portuguesa depois do Campeonato Europeu de Futebol de 2004, quando Portugal recebeu a competição e alcançou a final. (Neves, 2006, p. 96). O futebol é hoje o principal foco noticioso para a imprensa desportiva, sendo que os três principais clubes em Portugal, chamados “três grandes”: *Sport Lisboa e Benfica (SLB)*, *Futebol Clube do Porto (FCP)* e *Sporting Clube de Portugal (SCP)*, ocupam um elevado número de páginas nos jornais desportivos. Há até mesmo quem refira, tal como Flores (2004), que no conhecimento dos leitores cada jornal desportivo corresponde a um dos três grandes, ou seja, *O Jogo* ao *FCP*, *a Bola* ao *SLB* e o *Record* ao *SCP*, o que, na opinião do teórico “limita a apetência de leitores imparciais na escolha de um ou outro diário.” (Flores, 2004, p.68).

Ao analisarmos os principais canais de informação portugueses (*SIC Notícias*, *RTP 3* e *TVI 24*), rapidamente chegamos à conclusão que estes dão um maior destaque ao futebol do que ao resto das outras modalidades. Programas como o *Mais Transferências (TVI 24)*, o *Grande Área (RTP 3)*, o *Dia Seguinte (SIC Notícias)*, entre outros exemplos, noticiam

acerca do mundo do futebol nacional e internacional. O futebol tem tanto impacto na sociedade portuguesa que até já a própria *Federação Portuguesa de Futebol (FPF)* inaugurou recentemente o *Canal 11*, um canal privado em que a programação aborda exclusivamente temas ligados ao futebol nacional. Desde notícias a reportagens sobre o plantel principal da Seleção Nacional a debates e conversas sobre a primeira liga portuguesa, o *Canal 11* até chega a transmitir os jogos do Campeonato Nacional.

Capítulo III – A produção noticiosa

O discurso mediático e, por sua vez, o discurso jornalístico assumem uma preponderância fulcral na transmissão de conhecimento e na percepção que a população comum absorve dos diversos quadrantes da sociedade. São uma máquina que consegue, de forma eficaz, intervir na forma como a realidade é construída ao definirem “o(s) significado(s) dos acontecimentos (assuntos e problemáticas), oferecendo interpretações de como compreendê-los” (Traquina, 2002, p.11). Os acontecimentos, ao serem noticiados e ao se transformarem em produtos jornalísticos “tendem a assumir uma significação nova e ideal” (Park, 1976, p.180).

3.1 – A notícia

Os meios de comunicação social são os responsáveis pelo “processo de transformação de acontecimentos em notícias e na difusão pública destas últimas (Sousa, 2002, p.69). A questão *O que é notícia?* obriga-nos a refletir sobre a própria atividade jornalística e, por sua vez, sobre a função do jornalista. Por outras palavras, o jornalista será capaz de captar o acontecimento, relatá-lo e reproduzi-lo como se de um espelho se tratasse. Sobre esta temática, Nelson Traquina (2002) acrescenta ainda que os profissionais do jornalismo, bem como os seus discursos, intervêm ativamente na construção social e, por sua vez, no modo em que a realidade é percecionada (Traquina, 2002, p.180). Neste sentido, a atividade jornalística deverá ser entendida como “um papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade que são publicamente relevantes” (Alsina, 1996, p.18). A segunda hipótese de resposta à questão levantada no início deste parágrafo reduz o papel do jornalista ao de mediador. Enquanto mediadores da realidade, os jornalistas adotam um conjunto de regras, os valores-notícia, que servem de critério de distinção entre aquilo que pode ou não ser considerado notícia. Para esta temática, em específico, sobre os critérios de noticiabilidade, serviram os contributos de Nelson Traquina e Mauro Wolf, como veremos mais à frente.

Fazendo um breve levantamento sobre a definição de notícia, constatámos que existe preferência pelo sentido mais amplo do conceito, isto é, “tudo aquilo que um jornal publica” (Correia, 2011, p.28). Esta definição levanta, desde já, algumas dúvidas quanto àquilo que poderá ser notícia e, neste sentido, temos de concordar com a posição de Anabela Gradim (2000): “notícia é, pois, em princípio, tudo aquilo que um jornal publica;

mas, em sentido técnico, enquanto género, a definição de notícia é mais restritiva” (Gradim, 2000, p.37). Admitimos, assim, que possa existir alguma dificuldade em responder à questão proposta, porém alguns autores e teóricos do jornalismo que aprofundaram a problemática, como é o caso de Martinez Albertos (1978), definem notícia como sendo “um facto, verdadeiro, inédito ou atual do interesse geral que se comunica a um público”(Albertos, 1978, p.35). Por sua vez, Mar de Fontecuberta (2002), na obra *A Notícia*, apresenta uma outra perspectiva sobre o conceito. Para a autora, a notícia “é um conceito aberto, pois ela vai-se adaptando às mudanças e vai acompanhando o evoluir da história. A notícia reflete a realidade do momento” (Fontecuberta, 2002, p.7). Nos dicionários de Ciências da Comunicação¹¹, a notícia é definida como “o acontecimento mais importante para a sociedade, pelo impacto e pela repercussão que terá ao ser divulgado” (INTERCOM, 2010, p. 873).

Apesar da dificuldade que possa existir ao encontrar uma definição, a notícia é comumente aceite como sendo o género mais básico do tratamento jornalístico, porém tal não significa que seja o menos exigente. Na realidade, para Ricardo Jorge Pinto (2010), a notícia é o género jornalístico mais exigente, “pois obriga o jornalista a perceber antes de mais, de um conjunto de acontecimentos, quais são aqueles verdadeiramente relevantes” (Pinto, 2010, p.34). Para além disso, o autor acrescenta ainda que o jornalista é obrigado a “compor um discurso com coerência e uma unidade que permita fazer passar para as audiências a noção de que qualquer coisa de novo e de interessante sucedeu” (Pinto, 2010, p.34). Finalmente, e segundo Michael Schudson (2003), a notícia é algo publicamente notável dentro de um enquadramento de natureza social e cultural, que inclui uma certa compreensão, variável de comunidade para comunidade, do que é ser público e ser notório (Schudson, 2003, p.12). Por outras palavras, a notícia é o produto da atividade jornalística.

A rotina e as práticas jornalísticas obrigam a que se faça um levantamento dos assuntos e dos temas mais impactantes para o público. Quer se trate de jornalismo impresso, televisivo, radiofónico e, nos dias de hoje, o *online*, os jornalistas utilizam os critérios de noticiabilidade para definir os assuntos e acontecimentos que, rapidamente, passarão a notícia. Antes de partirmos para a reflexão crítica acerca desses mesmos

¹¹ Para este caso, consultamos a Enciclopédia INTERCOM de Comunicação. Disponível em: <http://www.cienciasnuevens.com.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Enciclopedia-Intercom-de-Comunicação.pdf>

critérios, interessa-nos primeiro clarificar o conceito de noticiabilidade. Admitindo que a noticiabilidade é resultado de uma determinada cultura profissional, Mauro Wolf (2002) afirma que esta “é constituída por um conjunto de requisitos que se exigem dos eventos – do ponto de vista da estrutura do tratamento dos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirir a existência pública de notícia” (Wolf, 2002, p.195). Isto significa que a noticiabilidade está diretamente relacionada com os processos de rotinização das práticas jornalísticas e, conseqüentemente, com a própria produção noticiosa. Assim, os valores-notícia surgem como uma componente fundamental da noticiabilidade e funcionam de forma complementar durante o processo de produção das notícias, na recolha, na seleção, na elaboração e na divulgação da informação (Wolf, 2002, p.190; Bianco, 2004, p.24). São os critérios de noticiabilidade que respondem à questão elaborada por Mauro Wolf (2002) “quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (Wolf, 2002, p.195).

3.2 – Do acontecimento à notícia: os critérios de noticiabilidade

“Na vida quotidiana, as notícias contam-nos aquilo a que nós não assistimos diretamente e dão como observáveis e significativos os acontecimentos” (Molotch, 1974, p.34). Isto significa que qualquer um de nós tem o direito de estar informado sobre os acontecimentos que nos rodeiam. Neste sentido, cabe aos profissionais do jornalismo a árdua tarefa de observar, selecionar e garantir que a informação é transmitida. Por sua vez, a escolha dos acontecimentos e a distinção dos mesmos, ou seja, a sua categorização como sendo ou não relevantes, obedece a um conjunto de critérios de noticiabilidade inerentes à cultura jornalística. Depois de recolhida, a informação é interpretada, selecionada e hierarquizada pelos jornalistas, transformando-se em notícia. O jornalista é quem tem de selecionar o melhor para o leitor e aquilo que será mais interessante e visível (Cardet, 1980, p.56 *apud* Fidalgo & Serra, 2003). Deste modo, entende-se que nem todos os acontecimentos são suscetíveis de serem transformados em produtos jornalísticos e, neste caso concreto, em notícias. Para que tal aconteça, é necessário que os acontecimentos e eventos reúnam uma série de critérios ou, nas palavras de João Canavilhas (2010), “o acontecimento tem de cumprir, pelo menos, um dos critérios de noticiabilidade” (Canavilhas, 2010, p. 23).

Os estudos em torno do fenómeno da noticiabilidade e dos valores-notícia têm contribuído de forma positiva para a consolidação das teorias da notícia e,

consequentemente, do jornalismo. Retomando a ideia de Mauro Wolf, os valores-notícia são uma componente essencial para o processo de produção de notícias, pois é através deles que os jornalistas fazem a seleção dos acontecimentos suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias e para se manterem no “ar”, ao longo de um determinado tempo.

Para Leonel Aguiar (2008), os valores-notícia “são qualidades dos acontecimentos que produzem condições necessárias para que sejam transformados e contidos num produto jornalístico” (Aguiar, 2008, p.16). Por outras palavras, os critérios de noticiabilidade determinam que acontecimentos são interessantes e possuem relevância para o público.

Galtung e Ruge, autores de um estudo pioneiro conhecido como *The Structure of Foreign News* (1965)¹², foram os primeiros a identificar uma série de valores presentes nas notícias, ao mesmo tempo que tentaram perceber que qualidades tinham os acontecimentos para serem noticiados. Desta forma, estes dois estudiosos identificaram e enumeraram um conjunto de 12 valores-notícia:

“1) a frequência, ou seja, a duração do acontecimento; 2) a amplitude do evento; 3) a clareza ou a falta de ambiguidade; 4) a significância; 5) a consonância, isto é, a facilidade de inserir o «novo» numa «velha» ideia correspondente ao que se espera que aconteça; 6) o inesperado; 7) a continuidade, isto é, a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade; 8) a composição, isto é, a necessidade de manter equilíbrio nas notícias pela diversidade de assuntos abordados; 9) a referência a nações de elite; 10) a referência a pessoas de elite, isto é, o valor-notícia da proeminência do agente do acontecimento; 11) a personalização, isto é a referência às pessoas envolvidas; 12) a negatividade, ou seja, o valor que se rege segundo a máxima *bad news is good news*” (Traquina, 2002, p.179).

Posteriormente, também as contribuições de Richard Ericson e Janet Chan (1987) possibilitaram um novo caminho nas investigações sobre os critérios de noticiabilidade.

¹² Para ver mais sobre o estudo ver: http://www.archivio.formazione.unimib.it/DATA/Insegnamenti/11_2423/materiale/aa_2015-2016_galtung-ruge-newsvalues.pdf [consult. 16/08/19].

O estudo concluiu que os valores-notícia não são imperativos, mas sim elementos essenciais que auxiliam os jornalistas a perceber a importância de determinados temas. É seguindo esta linha de pensamento que José Rodrigues dos Santos admite que os critérios de noticiabilidade estão interrelacionados, isto porque “existem acontecimentos que podem conter mais do que um valor-notícia e a quantos mais critérios um acontecimento obedecer, mais probabilidades tem para ser registado como notícia” (Ericson & Chan, 1987, *apud* Santos, 2011, p.99).

O estudo em redor dos critérios de noticiabilidade motivou autores como Nelson Traquina e Mauro Wolf a debruçarem-se sobre esta temática. Como temos vindo a constatar, enquanto a maioria dos autores apenas observava os valores-notícia do ponto de vista da seleção noticiosa, Wolf verificou que estes também estavam presentes ao longo da construção das notícias. Assim, é desde logo, possível distinguir duas grandes categorias no que diz respeito aos critérios de noticiabilidade. São eles: os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Para Mauro Wolf (2002), os valores-notícia de seleção correspondem aos critérios usados pelos jornalistas no momento em que estes têm de selecionar os acontecimentos que merecem ser notícia. Sobre os critérios de seleção da notícia, Wolf vai mais longe e admite que estes podem ainda estar “divididos em duas subcategorias: os critérios substantivos e os critérios contextuais” (Wolf, 2002, p.45). Segundo o autor, os primeiros dizem respeito à relevância do assunto a ser noticiado, enquanto os segundos estão relacionados com a própria produção noticiosa. Por sua vez, os valores notícia de construção e, tal como o nome indica, estão também relacionados com a produção noticiosa, pelo que funcionam, ao mesmo tempo, como linhas orientadoras para salientar aquilo que é prioritário na notícia.

A distinção de Mauro Wolf no que diz respeito aos valores notícia de seleção e construção despertou o interesse de Nelson Traquina por esta matéria, o que levou este último autor a construir uma nova lista de critérios de noticiabilidade, na qual identificou que valores-notícia pertenciam às categorias identificadas anteriormente por Wolf.

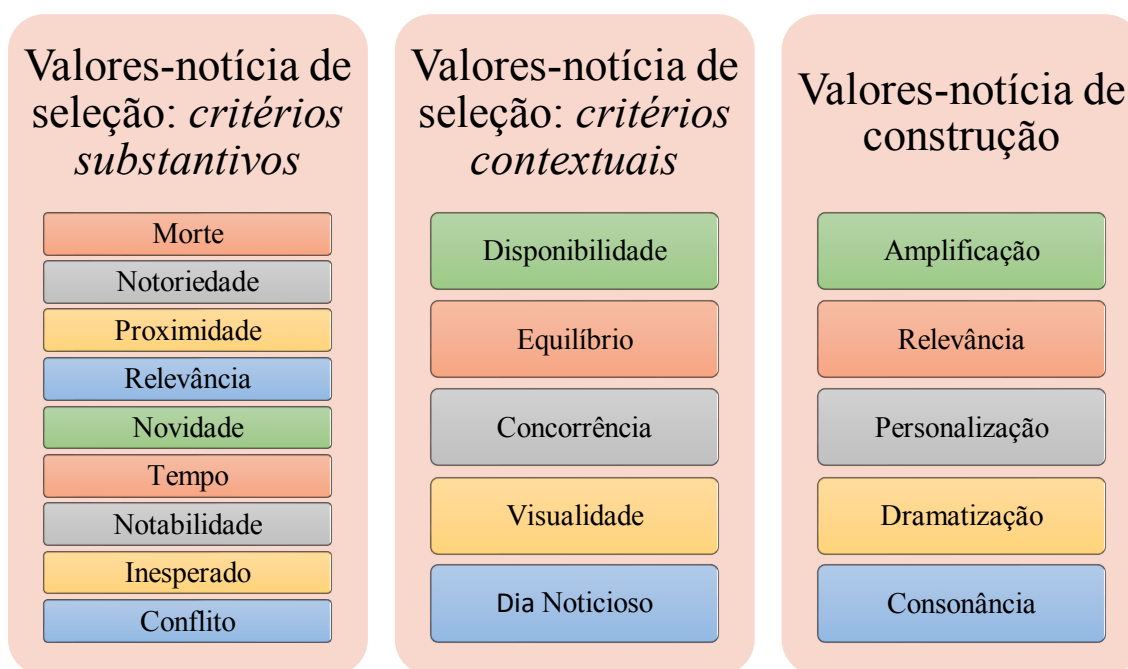


Tabela 1: Lista de valores-notícia para Nelson Traquina (2002).

Seguindo a máxima *onde há morte, há jornalistas*, o autor explica que a morte “é um valor-notícia fundamental para a comunidade interpretativa e, uma razão que explica o negativismo no mundo jornalístico” (Traquina, 2002, p.187), que presenciamos todos os dias nos jornais ou ecrãs de televisão. Também aqui a proximidade e relevância são consideradas como critérios. A proximidade de um acontecimento – quer geográfica, quer cultural– é fundamental para que um acontecimento tenha relevância para o público. Não menos importante é o critério da novidade.

Para Traquina (2002), a principal preocupação dos jornalistas deverá ser a procura pelo atual, uma vez que é isso que capta a atenção do público. “Para os jornalistas, uma questão central é, precisamente, o que há de novo. [...] Devido à importância deste valor-notícia, o mundo jornalístico interessa-se muito pela primeira vez.” (Traquina, 2002, p.189). O público, em geral, gosta de estar informado sobre a atualidade, o que nos leva a um outro valor-notícia essencial na atividade jornalística: o tempo. A temporalidade de um determinado acontecimento está relacionada com o critério da novidade, visto que a atualidade é considerada um dos pilares fundamentais da rotina jornalística. Nelson Traquina acrescenta ainda que:

“O próprio fator tempo é utilizado como “cabide” para justificar falar de novo sobre o mesmo assunto. [...] O fator tempo é um valor-notícia numa terceira forma: mais estendida ao longo do tempo. Devido ao seu impacto na comunidade jornalística, um assunto ganha noticiabilidade e permanece como valor-notícia durante um tempo mais dilatado.” (Traquina, 2002, p.190).

Mencionámos anteriormente que os critérios contextuais de seleção dizem respeito à produção de notícias e não às características que o acontecimento tem de ter. Vamos agora tentar perceber em que consistem alguns deles. Na tabela 1, é possível identificar que um dos primeiros critérios é o da disponibilidade. Este critério diz respeito à facilidade que o jornalista tem em cobrir um determinado acontecimento. Também durante o processo de produção noticiosa é fundamental saber o que a concorrência está a fazer. Desta forma, entendemos o porquê de Traquina considerar a concorrência como um critério de noticiabilidade importante para o jornalismo. Não é novidade nenhuma que, independentemente de se tratar de meios de comunicação sociais diferentes, todos tratam ou noticiam assuntos comuns.

No que diz respeito aos valores-notícia de construção, um dos primeiros da tabela é o critério da simplificação. O jornalista deve contar apenas o essencial, pois, caso contrário, se a notícia for demasiado elaborada e complexa, pode ser mal interpretada e perde o seu interesse para o leitor. O jornalista deve, portanto, tornar claros os acontecimentos e fazer uma narrativa “limpa” de floreios e informações desnecessárias. Por sua vez, o critério da amplificação diz respeito à permeabilidade de um acontecimento em ser divulgado e falado ao longo do tempo. Por outras palavras, isto significa que quanto mais amplificado é um evento, mais probabilidades tem em ser noticiado. Fazendo referência aos valores-notícia já estabelecidos por Galtung e Ruge, também Nelson Traquina (2002) considera a personalização como um critério de noticiabilidade importante na construção do ciclo noticioso. O autor entende que é determinante para a notícia “valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento. A personalização da notícia permite ao jornalista comunicar a um nível que um vasto público composto por não profissionais é capaz de entender” (Traquina, 2002, p. 199).

Temos vindo a constatar que tornar um acontecimento notícia não é uma tarefa tão fácil como poderíamos pensar. Realçar os aspetos mais difíceis de um determinado acontecimento ou apelar ao lado mais emocional, é algo fundamental para o jornalismo

e, por conseguinte, para a conquista de um público. Assim, a dramatização de um acontecimento mediático torna-se mais apelativo, pelo que Traquina também elencou este critério na sua lista. Porém, é preciso ter em conta que, por vezes, os meios de comunicação social, ao apelarem ao lado mais dramático da “estória” podem cair no sensacionalismo. Cabe então ao jornalista construir uma narrativa clara e simples.

Finalmente, e tendo como pano de fundo, a lista de valores-notícia apresentada, podemos afirmar que a teoria de Traquina acaba por consolidar as ideias iniciais de Galtung e Ruge (1965) e, posteriormente, as de Mauro Wolf. Apesar das diferentes posições de alguns teóricos do jornalismo, no que diz respeito a esta temática é consensual que os critérios de noticiabilidade acabam por facilitar o trabalho dos profissionais do jornalismo, auxiliando-os nas seleções e decisões diárias inerentes à rotina da profissão. Traquina, acrescenta ainda que:

“os valores-notícia não são imutáveis, tendo mudanças de uma época histórica para outra, sensibilidades diversas de uma localidade para outra, destaques diversos de uma empresa jornalística para outra, tendo em conta as políticas editoriais. [...] O leque de valores-notícia é vasto; a paleta tem imensas cores [...]” (Traquina, 2007, p. 203).

Os critérios de noticiabilidade foram-se alterando ao longo dos tempos, fruto das diferentes culturas e dos diferentes contextos históricos. Contudo, Mitchell Stephens (2002) admite existir, nos dias de hoje, uma certa homogeneidade na cultura dos valores-notícia em que determinadas “qualidades duradouras” de notícias prevalecem. No mundo jornalístico, os maus acontecimentos foram sempre e continuam a ser ótimas notícias, respeitando assim a máxima já defendida por Traquina de que *bad news is a good news* (Stephens, 1988, p.56 *apud* Traquina, 2002, p.178).

3.3 – Os valores-notícia na televisão

Os valores-notícia elencados anteriormente por Nelson Traquina são relativos às práticas jornalísticas de um modo em geral, isto porque, como já mencionámos, os critérios de noticiabilidade estão inerentes à própria cultura jornalística e, por sua vez, adquirem uma dimensão transversal. Porém, ao observarmos as características específicas

de cada meio de comunicação social, podemos inferir que os critérios de seleção de notícias são distintos, de acordo com as particularidades de cada órgão de informação.

Ao falarmos especificamente do jornalismo televisivo, torna-se pertinente, para além dos critérios proposto por Traquina, ter em conta algumas características relativas à natureza visual do meio, como a presença de imagens e, por sua vez, a possibilidade de desenvolver uma narrativa “televisual”. Neste sentido, sobre os critérios de noticiabilidade para o jornalismo televisivo, Sousa (2010) admite que:

“para o caso de a notícia ser veiculada na televisão, o acontecimento precisa ainda ser capaz de gerar boas imagens, ter unicidade, ser parte de uma grande narrativa, causar impacto emocional e apresentar um potencial espetacular para fazer frente aos demais produtos televisivos” (Sousa, 2010, p.2).

Também para Epstein, as imagens são um critério essencial. O ditado popular é antigo “uma imagem vale mais que mil palavras”. Quando falamos em jornalismo televisivo, as imagens tornam-se numa ferramenta fundamental para a construção de uma narrativa noticiosa. Assim, é possível afirmar que a própria existência de imagens é um critério relevante para noticiar este ou aquele acontecimento (Epstein, s.d *apud* Santos, 2001, pp. 103-104).

Os acontecimentos quando noticiados em televisão, têm de responder a um conjunto de critérios que, por vezes, podem ser também condicionantes ao trabalho jornalístico. Neste sentido, Epstein considera o valor noticioso, isto é, admite que os acontecimentos mais importantes e/ou que envolvem figuras públicas têm mais valor enquanto notícia. O autor completa a sua lista acrescentando a previsibilidade dos temas, justificando que em televisão os acontecimentos têm de ser previsíveis, pois a sua cobertura exige a que seja feito um trabalho prévio e, finalmente, os custos associados a essa mesma cobertura noticiosa que, naturalmente, implica uma certa logística (Epstein, s.d *apud* Santos, 2001, pp.103-104). É seguindo esta linha de pensamento que Ricardo Jorge Pinto (2010) considera que, em televisão, os critérios de noticiabilidade mais importantes são as imagens. O autor reforça esta ideia afirmando que “em televisão são as imagens que determinam, acima de tudo, se um acontecimento tem ou não capacidade de ser noticiável” (Pinto, 2010, p.58).

3.4 – A produção noticiosa: do *gatekeeper* ao *newsmaking*

Depois de refletir sobre os critérios de noticiabilidade, é importante agora perceber de que forma as notícias são produzidas e, por conseguinte, mediatizadas. Segundo a teoria do *agenda-setting*, os meios de comunicação social dão conta dos assuntos que são objeto de debate público. Isto significa que a cobertura jornalística e a abordagem de determinados temas têm, com certeza, um impacto social. Fontcuberta (2002) afirma mesmo que “quanto maior o destaque e continuidade que conferimos a um tema, maior a sua relevância atribuída na agenda do público” (Fontcuberta, 2002, p. 30).

David White foi um dos primeiros teóricos a realizar uma das pesquisas empíricas sobre o conteúdo jornalístico¹³. A investigação de White sobre o *gatekeeper*¹⁴ debruçou-se sobre quais os critérios para a publicação e/ ou exclusão de notícias. Neste sentido, White considerou que o termo *gatekeeper* se refere à pessoa, neste caso, ao jornalista que faz uma escolha dos acontecimentos, dentro de uma dada sequência de decisões. Por outras palavras, o processo de produção noticiosa passa por um conjunto de escolhas, onde o fluxo de notícias tem, obrigatoriamente, que passar por diversos *gates*, aqui entendidos como as áreas de decisão, importantes para o jornalista selecionar ou não o acontecimento (Traquina, 2002, pp.35-36). Assim, ao longo deste processo no qual se decide aquilo que passa ou não pelo *gate* e é ou não publicado, podemos afirmar que o jornalista perde a sua neutralidade, pois passa a exercer o papel de *gatekeeper* (figura 1).

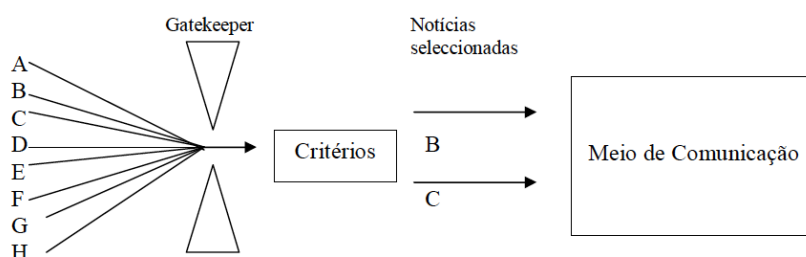


Figura 1: O processo de Gatekeeping. Fonte: Teorias da Comunicação, Wolf.

¹³ White esteve inserido, durante uma semana (de 6 a 13 de fevereiro de 1949), na redação de um jornal de média tiragem (não metropolitano) norte-americano, onde realizou uma pesquisa sobre a atividade de um jornalista de média idade (Mr. Gates). Nesta pesquisa White procurou determinar o porquê da rejeição ou seleção de um artigo por parte do editor telegráfico.

¹⁴ O termo *gatekeeper* é introduzido pela primeira vez em 1947, num artigo de Kurt Lewin sobre as decisões domésticas no âmbito da aquisição de alimentos.

Do mesmo modo, a filtragem e a seleção de notícias levadas a cabo pelo jornalista é “extremamente subjetiva e dependente de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas do *gatekeeper*” (Traquina, 2002, p. 145); compreende-se assim que uma notícia sobre um mesmo acontecimento seja diferente de profissional para profissional. Também Fernando Cascais (2001) afirma que os *gatekeepers* são “instituições ou indivíduos que estabelecem ou fiscalizam normas e valores ou selecionam e decidem aquilo que deve ser impresso, difundido e produzido pelos *media*” (Cascais, 2001, p.98).

Neste sentido, Mauro Wolf (2002) determinou que a tematização dos acontecimentos é algo importante para o processo de produção noticiosa, pois ajuda a integrar o acontecimento num determinado contexto (isto é, se estamos a falar de um assunto político, social, económico, cultural, entre outros). De acordo com o autor:

“a tematização é um processo informativo inserido no contexto do *agenda-setting*: tematizar um assunto significa colocá-lo na ordem do dia conferindo-lhe determinado relevo, centralidade e significado em relação à informação não tematizada (Wolf, 2002, p.146).

Deste modo, Wolf (2002), inspirado por outros teóricos do jornalismo, encontrou seis fatores que influenciam a escolha de um determinado assunto para a agenda. São eles o tempo de exposição de um tema; a proximidade, a natureza dos conteúdos abordados; a credibilidade das fontes; a audiência e, por fim, a comunicação interpessoal (Wolf, 2002, p.168).

Depois de identificados os fatores que têm de fazer parte de um acontecimento para que este seja selecionado pelo *gatekeeper*, vamos agora tentar perceber de que forma, mediante os requisitos exigidos, são retratados e mediatizados os acontecimentos. Para Mauro Wolf (2002), estas questões vão ao encontro das funções desempenhadas pelo *Newsmaking*, cuja abordagem de trabalho é circunscrita pela cultura profissional dos jornalistas e pelos processos produtivos (Wolf, 2002, p.169). Se, por um lado, os estudos sobre o *gatekeeper* estavam relacionados com a seleção das notícias, executada pelo próprio jornalista, “os mais recentes estudos sobre a produção de notícias relacionam a imagem da realidade social, fornecida pelos *mass media*, com a organização e a produção rotineira dos aparelhos jornalísticos” (Wolf, 2002, p. 183).

O *newsmaking*, isto é, a produção de informação acaba por ser um processo também ele complexo, de um lado, apoiado pela cultura profissional, carregada de estereótipos e códigos que fazem parte dos meios de comunicação sociais e dos próprios jornalistas; por outro lado, compreendemos também “as restrições ligadas à organização do trabalho e as exigências que se prendem com o que determina a definição de notícia, o processo produtivo, as fontes e os valores-notícia” (Garbarino, 1982 *apud* Cascais, 2001, p.43).

Finalmente, o trabalho jornalístico como o conhecemos está submetido a uma rede de condicionantes que, de certa forma, determinam o seu conteúdo. Neste sentido, Fernando Correia (1998) deu a conhecer um conjunto de condicionantes relativas à produção noticiosa. No que diz respeito à redação, o autor salienta o estatuto e as políticas editoriais, a ideologia profissional e os valores-notícia dominantes. Relativamente à empresa detentora do órgão de comunicação social, Correia reforça os “objetivos da empresa, a influência dos poderes económico e político, bem como as capacidades económicas e financeiras e, o posicionamento entre a concorrência” (Correia, 1998, pp.18-21).

3.5 – As fontes de informação: a base da produção noticiosa

Não é preciso estudar jornalismo para perceber que as fontes de informação desempenham um papel fundamental no que diz respeito à produção de notícias. De facto, as fontes de informação estão na base de qualquer produção noticiosa. Nas palavras de Cascais (2001), elas são “a origem da informação jornalística: tudo o que contiver informação pertinente sobre algo relevante de ser tratado e difundido junto do público” (Cascais, 2001, p. 93). A fonte atua como um agente que o jornalista observa e entrevista e lhe fornece informação noticiosa (Gans 1979 *apud* Wolf, 2002, p. 120). As fontes são um fator essencial na qualidade da informação produzida pelos meios de comunicação social, porém o jornalista nem sempre tem a possibilidade de assistir de perto aos acontecimentos passíveis de se tornarem notícia e, como tal, tem de recorrer a outros meios para obter informação. Mesmo quando está presente deve ter o cuidado de recorrer a outras fontes de informação para consultar, esclarecer ou apenas confirmar uma informação.

Nelson Traquina (2002), sustenta que o jornalista deve considerar três factos importantes a respeito das fontes: 1) - o relacionamento entre o jornalista e a fonte de

informação é protegida pela Lei da Imprensa¹⁵, que lhe concede o direito de sigilo profissional; 2) - a confiança nas fontes só é criada quando demonstrada credibilidade, já que estas podem ter sempre algum interesse; e finalmente, 3) - A posição de autoridade confere credibilidade: pela posição que ocupam alguns indivíduos, mais facilmente têm acesso aos factos corretos (Traquina, 2002 p.172). O jornalista deve, assim, cultivar as suas fontes potenciais e regulares, pois parte do bom-nome, da competência e sucesso do jornalista estão diretamente relacionados com os contactos que este possui (Sousa, 2010, p.56).

Os profissionais do jornalismo recorrem às mais diversas fontes de informação para tornarem o seu trabalho mais credível. Neste sentido e, de acordo com Tuchman, a referência à fonte funciona como uma forma de testemunho suplementar, dado que, ao citar os intervenientes do acontecimento, os profissionais da informação deixam-nos falar sobre os factos do mesmo, garantindo a credibilidade do seu trabalho (Tuchman, s.d *apud* Traquina, 2002). Também num estudo de Gans, o autor identificou um conjunto de fatores que influenciam o jornalista a optar por um determinado tipo de fontes, em detrimento de outras. Deste conjunto salientamos, para além da credibilidade – fator fundamental para o jornalista e para o seu trabalho –, a garantia. Este fator está muito associado ao da credibilidade, isto porque, quando não é possível confirmar a credibilidade de uma informação, o jornalista baseia-se na avaliação da credibilidade intrínseca da própria fonte, ou seja, na sua honestidade para com os factos. Também a respeitabilidade é um dos fatores a considerar, pois “presume-se que essas fontes sejam mais credíveis, quanto mais não seja porque não podem permitir-se mentir abertamente, e porque são também consideradas mais persuasivas em virtude de as suas ações e opiniões serem oficiais” (Gans, 1979 *apud* Wolf, 2002, p.200). A produtividade está relacionada com a quantidade de informação que a fonte é capaz de facultar, explicando assim o porquê de os meios de comunicação privilegiarem, por exemplo, as fontes institucionais.

Dentro do mundo das fontes de informação é possível ainda perceber que nem todas são iguais, pois umas são consideradas mais credíveis do que outras. Por exemplo, uma informação dada por um membro do Governo terá, certamente, mais peso do que uma fornecida por uma fonte anónima. Neste cenário, o jornalista enfrenta aqui a problemática

¹⁵ Para consultar mais sobre a Lei da Imprensa, ver: https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/73838080/201906300417/diploma?consolidacaoTag=Sociedade+de+Informação&did=34439075&_L_egislacaoConsolidada_WAR_drefrontofficeportlet_rp=indice

da credibilidade e relevância. Para facilitar a vida dos profissionais do jornalismo, num estudo de Rogério Santos, o autor concluiu que as fontes de informação se podiam dividir em três categorias principais: as fontes oficiais, que dizem respeito aos membros do Governo ou a Instituições Públicas e privadas; as fontes regulares, isto é, empresas, associações ou líderes de opinião; e, por fim, as fontes ocasionais que dizem respeito aos cidadãos comuns que observam ou estão presentes no acontecimento (Santos, 2003, p.97).

Ao longo da construção do trabalho jornalístico são as rotinas produtivas que procuram enquadrar o acontecimento e transformá-lo em notícia, o que, por vezes, pode incluir reuniões, visitas, contatos com as fontes e ou conferências de imprensa. Os acontecimentos são promovidos pelas fontes de informação, tendo em conta os valores-notícia requeridos pelo jornalista, que seleciona o que interessa, dentro dos objetivos profissionais e dos modelos da organização (Santos, 2003, pp.102-116).

Capítulo IV – Estudo de caso

Tendo como pano de fundo os dois capítulos de revisão da literatura anteriormente apresentados, desafiamo-nos agora a compreender a rotina e o ciclo de produção noticiosa do caso Iker Casillas, que decorreu durante o meu período de estágio, na redação de desporto da RTP. Sendo a única operadora de serviço público¹⁶ de rádio e televisão em Portugal, a RTP tem uma responsabilidade acrescida: chegar a um público diversificado, contribuindo também para os vários setores de desenvolvimento económico, social e cultural do nosso país. Ao longo dos seus 64 anos de história, a RTP tem apostado numa variedade de canais generalistas e temáticos, na rádio e, até no *online*.

Apesar dos novos padrões e hábitos de consumo de informação, segundo um estudo recente “As novas dinâmicas de consumo televisivo em Portugal¹⁷”, realizado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social, em 2016, a televisão continua a ser o canal de comunicação preferido do público. Da mesma forma, o jornalismo televisivo tem contribuído para a garantia desta preferência, pela capacidade de oferecer informação audiovisual e instantânea, permitindo que os telespetadores acompanhem as notícias em tempo real. Além disso, como já mencionámos, as notícias a que assistimos diariamente nos pequenos ecrãs, são fruto de um processo de *gatekeeping e newsmaking*, por parte dos jornalistas, que acabam por decidir aquilo que deve ser ou não noticiável.

Neste capítulo, de natureza mais prática e descritiva, vamos tentar perceber o ciclo de produção e construção noticiosa, envolvidos no nosso caso de estudo, cruzando os conhecimentos teóricos dos capítulos anteriores. Desta forma, a primeira parte deste capítulo será dedicada à metodologia adotada, assim como às técnicas de recolha de informação que melhor correspondem às características da nossa investigação. Numa segunda parte, será apresentado o nosso universo de estudo, compreendendo os blocos informativos em análise e a baliza temporal que nos propomos a investigar. Posteriormente, serão apresentados análise e discussão dos resultados.

¹⁶ Para saber mais sobre o serviço público ver Lopes, F. (1999). Serviço Público de Televisão: a crise, a identidade e os desafios. Comunicação apresentada no *I Congresso das Ciências da Comunicação*, Lisboa. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-felisbela-servico-publico-tv-crise-1999.pdf>

¹⁷ Para ver mais sobre o projeto http://www.erc.pt/documentos/Estudos/ConsumoAVemPT/ERC2016_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais_web/assets/downloads/ERC2016_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais.pdf

4.1 – Metodologia e desenho da investigação

Para melhor compreender a realidade mediática do nosso estudo de caso, delineou-se uma estratégia metodológica de trabalho, que cruza técnicas de investigação documentais e não documentais. No que diz respeito às primeiras, procedeu-se a um levantamento e análise da bibliografia existente sobre jornalismo desportivo, passando pela história da imprensa desportiva, televisão e, até à atualidade. Também procurámos compreender os processos inerentes à construção de notícias. Ainda nesta fase, foi necessário realizar uma análise de conteúdo. Ao longo deste processo investigativo encontramos várias técnicas de investigação e a análise de conteúdo foi aquela que nos permitiu recolher a informação necessária, uma vez que corresponde a “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, quantitativas ou não, que aposta no rigor do método como forma de não se perder a heterogeneidade do seu objetivo” (Bardin, 2006, p.31). Isto significa que a análise de conteúdo funciona como um método de análise de qualquer processo comunicativo, capaz de fornecer dados interpretativos – sejam eles qualitativos ou quantitativos – sobre uma determinada mensagem. Com os dados que obtemos dessa leitura, estamos aptos a construir suposições e/ou hipóteses de trabalho. Neste sentido, temos de concordar com as investigadoras Cristiane Silva, Beatriz Gobbi e Adalgisa Simão (2004), quando estas afirmam que “o método de análise de conteúdo aparece como uma ferramenta para a compreensão da construção do significado que os atores sociais exteriorizam no seu discurso” (Silva; Gobbi & Simão, 2004, p.74).

Para a realização desta análise de conteúdo, tivemos, em primeiro lugar, que delimitar os objetivos desta investigação, ou seja, a criação de uma pergunta de partida e futuras hipóteses de trabalho, importantes para a linha condutora deste relatório. Depois disso, interessou construir um *corpus* de análise, que vai suportar todo o trabalho. Nesta etapa, interessa apenas selecionar os conteúdos mais representativos e pertinentes para o caso em estudo. Importou assim selecionar as notícias correspondentes à semana do infortúnio de Iker Casillas transmitidas nos blocos informativos *3 às 17*, da RTP3 e no *Telejornal* da RTP1, de modo a perceber qual o seu ciclo de produção noticiosa e as etapas pelas quais passaram, como veremos mais à frente.

Outra etapa importante para que a análise de conteúdo seja eficaz e válida é a definição de categorias. O processo de categorização é uma prática quotidiana do ser humano. Tem como objetivo a hierarquização dos elementos que nos rodeiam, de forma a atribuir-lhes um sentido. Ora, esta premissa enquadra-se também na análise de conteúdo

porque passa pelo agrupamento de dados “numa operação de classificação dos elementos de uma mensagem segundo determinados critérios” (Moraes, 1999, p. 6). Neste sentido, a definição de categorias permitiu-nos elaborar grelhas de análise, onde foi possível organizar os dados relativos ao nosso caso de estudo. De acordo com a investigadora Isabel Ferin (2012), este conjunto de etapas e/ou procedimentos compõem a análise de conteúdo e fazem dela “um modelo aplicável às ciências sociais empíricas” (Ferin, 2012, p. 246).

Já relativamente às técnicas de investigação não documentais, foram realizadas três entrevistas abertas, com o propósito de perceber como é que um acontecimento passa a ser considerado notícia, compreendendo então os processos inerentes ao ciclo de produção noticiosa. Deste modo, nesta investigação contamos com as entrevistas de Clara Osório, jornalista de desporto da RTP e pivô nos espaços dedicado ao desporto, *3 às 17* e *360*; João Miguel Nunes, jornalista de desporto da RTP e Carlos Manuel Albuquerque, jornalista e também pivô nos blocos *3 às 17* e *360*. Finalmente, tendo realizado o estágio na redação de desporto da RTP, fez todo o sentido utilizar também a observação participante, enquanto técnica de recolha de informação. Este exercício pressupõe que estejamos aptos a participar diretamente na recolha de dados, passo importante para a nossa investigação. No plano mais académico, a observação participante é um método bastante comum e apropriado para estudos exploratórios e/ou descritivos, pelo que a sua inclusão neste trabalho é um complemento a outras técnicas. Neste sentido, a observação do tipo participante dá-nos a noção de que o investigador/observador participa ativamente nas atividades de recolha de dados, fazendo parte de um grupo com um determinado contexto social e cultural. Subentende-se assim que cabe ao investigador adaptar-se aos diversos contextos que possam surgir. A observação participante é, desde logo, uma técnica que nos permite explorar e compreender algumas questões, que as entrevistas ou os inquéritos deixam por responder (Mónico; Alferes; Castro & Parreira, 2017).

Procurando responder à questão que orienta a nossa investigação, a observação participante tornou-se muito útil e reveladora: enquanto estagiário integrado numa redação de desporto (academicamente considerado como um grupo ou uma comunidade profissional determinada por contextos sociais e culturais), pude observar as rotinas dos jornalistas e perceber como é que a informação foi tratada. Para além disso, esta observação contribuiu também para compreender que aspetos é que os jornalistas devem ter em conta, no momento de seleção daquilo que deve ou não ser noticiado. Esta experiência na redação ajudou-me igualmente a consolidar algumas ideias em relação à

rotina e à prática jornalística, bem como interpretar algumas dinâmicas específicas do trabalho em redação. Este é um dos aspetos fundamentais da observação participante - a participação ativa e direta dentro de um determinado grupo que permite um relacionamento mais genuíno em relação aos dados obtidos que serão tratados numa fase posterior. Este será um dos tópicos a desenvolver ainda neste capítulo, mostrando a minha perspetiva sobre o caso.

Depois de escolhidas as técnicas de recolha de informação, interessou definir o *corpus* de análise. Deste modo, optou-se por analisar a primeira semana de maio, de 1 a 6, correspondente ao momento em que se soube do enfarte de Iker Casillas e até à sua saída do hospital. Posteriormente, verificámos que após a saída do hospital, a 6 de maio, só no dia 17 é que Casillas volta a ser notícia. A escolha deste caso está relacionada com o mediatismo que o caso acabou por alcançar em redor de uma personalidade do futebol, pelo que despertou não só o interesse nos meios de comunicação social, mas também nos telespetadores e adeptos. De salientar que tivemos em atenção a periodicidade das notícias, pois entendemos que, de certa forma, traduz os diferentes ritmos de apreensão e representação da realidade, importantes para o nosso caso de estudo. Para nos ajudar a organizar a informação relativa às notícias televisivas, de cada um dos blocos informativos, que fazem parte do nosso campo de observação, elaborou-se a seguinte grelha de dados:

Data	Bloco Informativo	Tema da peça	Descrição da peça	G. Jornalístico	Formato	Duração	Jornalista	Alinhamento
------	-------------------	--------------	-------------------	-----------------	---------	---------	------------	-------------

Tabela 1: Modelo de grelha de organização de dados relativa às peças televisivas

4.2 – Universo de estudo: O 3 às 17 e o Telejornal

Um dos blocos informativos que faz parte deste estudo é o *3 às 17*. Este é um dos noticiários da tarde da RTP3, com uma duração média de 57 minutos. A escolha deste bloco de informação geral reside no facto de este ter um espaço exclusivamente dedicado ao desporto, para além de ser o primeiro jornal de desporto do dia, coincidente com o meu

horário de estágio¹⁸. Do mesmo modo, achámos que faria sentido analisarmos também um dos blocos informativos mais importantes para o canal, o *Telejornal*. Sob o lema “a mais rigorosa seleção de notícias”¹⁹, o *Telejornal* apresenta-se como o segundo espaço informativo do dia na RTP1 e, ao mesmo tempo, diferente de todos os outros “com as suas próprias regras de seleção – hierarquização, estruturação, narrativa e mediação” (Jespers, 1998, p.175).

Para além disso, houve também a curiosidade em perceber qual seria o peso do desporto naquele que é considerado o principal meio de informação. Segundo a jornalista Clara Osório, estamos perante dois blocos informativos distintos. A jornalista acrescenta que:

“no *3 às 17* está incluída uma página de desporto com um pivot especializado e por isso o bloco de notícias é alargado e aprofundado. O telejornal é emitido na RTP1, é o principal jornal generalista, tem apenas um pivot e deve percorrer todas as editoras não tendo por isso um espaço reservado ao desporto”²⁰.

Neste sentido, a nossa análise recai sobre as notícias transmitidas nos noticiários do *3 às 17* e do *Telejornal*, emitidas entre o dia 1 e 6 de maio. Só no final da semana seguinte, a 17 de maio, é que Casillas volta a ser notícia, pelo que decidimos incluir este dia na nossa contagem.

Contabilizámos assim, num total de uma semana (incluindo já o dia extra), 17 notícias, admitindo que um dia de análise pode ter mais do que uma notícia televisiva, como, de facto, verificámos. A tabela 2 é ilustrativa do número total de notícias que compõem o nosso estudo, assim como dos dias selecionados para análise. De salientar que, no dia 3 de maio, não houve desporto no *3 às 17* e que, nos dias 4 e 5 de maio, nos dois blocos informativos em discussão, não foram registadas notícias sobre a recuperação ou evolução do estado de saúde de Casillas.

¹⁸ O horário de estágio, compreendido entre as 14h e às 22h, só possibilitou o acompanhamento do noticiário das *3 às 17*, pelo que considerámos que este seria o melhor bloco informativo a analisar.

¹⁹ Informação retirada da página da RTP. Disponível em: <https://www.rtp.pt/programa/tv/p1103>

²⁰ Entrevista a Clara Osório em anexo

Bloco Informativo	Tema	Data
3 às 17 (RTP3)	Enfarte Casillas	01/05/19
		01/05/19
		01/05/19
		01/05/19
		02/05/19
		02/05/19
		02/05/19
		02/05/19
		02/05/19
		06/05/19
		17/05/19
Telejornal (RTP1)		01/05/19
		01/05/19
		01/05/19
		02/05/19
		03/05/19
		06/05/19
		Total: 17 notícias

Tabela 2: Organização das notícias em análise, por dias.

4.3 – O tratamento do caso sob a observação do estagiário no interior da redação

Na redação de desporto da RTP em Lisboa, um acontecimento só é tornado notícia depois de ser feita uma espécie de triagem sobre o mesmo de forma a que se perceba se realmente é ou não passível de se tornar informação noticiosa. A decisão cabe ao editor ou ao responsável da secção, que posteriormente distribui o trabalho pelos restantes jornalistas que compõe a redação de desporto. Sobre esta triagem é seguro afirmar que uma das questões mais importantes está relacionada com a origem da informação, isto é, a natureza das fontes do acontecimento. Depois de ser confirmada a fiabilidade das fontes, os responsáveis da secção refletem sobre os valores-notícia do acontecimento e rapidamente concluem se este deve ou não ser tratado na redação de forma a que chegue o mais rápido possível aos cidadãos.

A verdade é que é aqui, nesta triagem, que muitos assuntos acabam por não se tornar notícias. Ora porque, por qualquer motivo, não correspondem às linhas editoriais do canal, ou até mesmo por questões de alinhamento, já que o tempo de antena dado a assuntos desportivos é reduzido, quando comparado com outros temas, ou mesmo com os outros canais. Sendo a RTP uma estação de televisão pública, outros temas e outras preocupações se sobrepõem na hora de definir o dia informativo. Desde logo, a questão das audiências é um ponto distintivo, no sentido em que a preocupação com as mesmas não é tão grande como num canal privado. E, por isso, o desporto, tão destacado e relevante nas antenas da SIC; TVI e CMTV, não tem, na RTP, um lugar tão grande. E, quando o tem, o foco não é apenas o futebol, como acontece nos outros canais.

É preferível dar-se destaque a outros acontecimentos de outras modalidades sem ser o futebol do que propriamente estar sempre de volta de um assunto que já foi divulgado várias vezes e que não acrescenta nenhuma novidade para o telespectador. Este é sem dúvida um fator que reparei ao longo de todo o estágio, independentemente de que caso se tratasse. Muitas das vezes dava conta de estar a fazer zapping pelos outros canais informativos e, enquanto a RTP dava uma notícia de minuto e meio sobre um caso, os outros canais acabavam por ir para o ar com programas de horas e até mesmo com convidados para falar sobre o acontecimento.

O caso Iker Casillas não foi diferente. É verdade que foi noticiado diversas vezes em programas da RTP3 e no *Telejornal* da RTP1, mas porque todos os dias havia informações novas sobre o estado de saúde de uma figura pública conhecida mundialmente que era do interesse dos telespectadores. Motivo que levou a que fosse dado mais tempo de antena do que o habitual a um assunto de cariz desportivo.

A notícia foi avançada pela RTP depois da informação ter chegado à redação de desporto do Porto através de fontes oficiais do clube Futebol Clube do Porto. Por uma questão de proximidade, o caso Iker Casillas acabou por ser seguido de perto pelos jornalistas da cidade do Porto, o que acabou por dificultar a minha observação e o meu contributo para a realização de material jornalístico sobre o mesmo. Em Lisboa, foram apenas realizadas algumas peças pelo jornalista Alexandre Albuquerque sobre as atualizações do estado de saúde do guarda-redes enquanto esteve internado no hospital e, no dia em o jogador do FCP teve alta hospitalar, o jornalista António Pedro Carvalho ficou responsável por realizar uma peça sobre as declarações de Iker Casillas à saída do hospital. Mais tarde, já no dia 17 de maio, foi feito um *OFF* pelo jornalista João Miguel

Nunes, do qual eu fiquei responsável por montar o clip de imagens que iriam acompanhar o texto escrito pelo jornalista.

Relativamente a diretos à porta do hospital, conferências de imprensa e contacto próximo com a família e responsáveis do clube, foi sempre a equipa de desporto do Porto que esteve em cima do acontecimento. A equipa de desporto em Lisboa, durante o período em que o enfarte do guarda-redes foi noticiado pelo canal, acabou por funcionar normalmente e sem sobrecargas. Os jornalistas, como durante todo o período de observação no estágio, acabaram por desempenhar as funções que o editor e o responsável da secção estipulavam ao longo dos dias e, em caso de necessidade, existiu sempre o espírito de ajuda e trabalho de equipa com a redação do Porto de forma a que as novidades sobre o caso fossem para o ar o mais rápido possível.

4.4 – Análise e discussão dos resultados

Na tentativa de compreender como foi feita a seleção e construção das notícias relativas ao enfarte do guarda-redes Iker Casillas, entrevistaram-se alguns jornalistas de desporto da RTP, local onde decorreu o estágio. As entrevistas que fazem parte desta investigação são dos jornalistas Carlos Manuel Albuquerque, jornalista e pivô nos blocos *3 às 17* e *360*, no espaço de desporto; João Miguel Nunes, jornalista de desporto da RTP e de Clara Osório, jornalista e pivô no *3 às 17* e *360*, no espaço dedicado ao desporto.

Neste sentido, as entrevistas realizadas servem de complemento para este trabalho, contribuindo, de certa forma, para os resultados e conclusões que possamos tirar sobre o mesmo. Além disso, as respostas dos nossos entrevistados traduzem-se na experiência de trabalho que os próprios viveram ao longo da semana de 1 a 6 de maio e do dia 17 do mesmo mês.

4.4.1 - A produção noticiosa: perspectiva dos entrevistados

Quando refletimos acerca da produção noticiosa e de todas as tarefas inerentes a este processo, é natural questionarmo-nos “que imagem do Mundo fornecem os noticiários televisivos?” e “como é que se associa esta imagem às exigências quotidianas da produção de notícias? (Golding & Elliot, 1979, p.1). Para Mauro Wolf (2002), estas questões elaboradas por outros teóricos da área, levam-nos àquilo que já anteriormente tínhamos falado, o *newsmaking*. Sendo um processo de construção de notícias, o *newsmaking* rege-se por duas linhas orientadoras fundamentais para o ciclo de produção noticiosa. A

primeira está relacionada com a própria cultura profissional dos jornalistas e a segunda com a rotina e processos de trabalho inerentes à transformação de um acontecimento em notícia. Sobre esta última, que nos interessa particularmente, Garbarino (1982), diz-nos que existem restrições ligadas à organização do trabalho “que determinam a definição de notícia e legitimam o processo produtivo, desde a utilização de fontes até à seleção dos acontecimentos” (Garbarino, 1982, p.12).

As fontes de informação são um fator determinante para a qualidade daquilo que é produzido e transmitido pelos meios de comunicação social. É a partir delas que a informação chega à redação, para mais tarde ser tratada e noticiada. Relativamente ao nosso caso, Clara Osório²¹ afirma que a informação de que Iker Casillas teria sido hospitalizado, chegou à redação da RTP “do Porto pelos contactos mais próximos que os jornalistas de lá têm com o Futebol Clube do Porto”. Daqui podemos tirar já uma conclusão: a proximidade é um fator relevante quando estamos a falar de fontes de informação. Cabe ao jornalista cultivar essa fonte. A jornalista acrescenta ainda que “a proximidade é fundamental para manter uma rede de contactos que possam ter informação correta e fidedigna”. Neste sentido, vemo-nos obrigados a concordar com a tese de Gans, na qual “a relação entre fontes e jornalistas se assemelha a uma dança, com as fontes a tentarem ter acesso aos jornalistas e estes a tentarem aproximar-se das fontes” (Gans, 1979, p.116). Assim, a relação entre as fontes e os jornalistas acaba por ser uma peça fundamental no processo de seleção da informação, pelo que a proximidade social a que a jornalista da RTP se referiu anteriormente se torna num fator significativo para a atividade jornalística. Também para Carlos Manuel Albuquerque²², o fator da proximidade é importante, na medida que “privilegiamos os contactos pessoais para nos orientarem na melhor direção da abordagem e só avançamos a notícia que possa surgir noutras plataformas, depois de a cruzarmos com as nossas fontes”. Constatamos assim que os jornalistas de desporto estabelecem, com mais facilidade, relações aproximadas com as fontes. Por outras palavras, acaba por se criar uma relação de simbiose entre as duas partes, sustentada por um laço de conveniência e que acaba por facilitar o trabalho do próprio jornalista, no que diz respeito, por exemplo, à atualização da informação. Nem todas as fontes de informação são iguais, pelo que cabe ao jornalista perceber o que é realmente verdade, nomeadamente se têm entre mãos um caso mais delicado. As fontes

²¹ Entrevista a Clara Osório em anexo

²² Entrevista a Carlos Manuel Albuquerque em anexo

de informação, quando bem usadas, são sinónimo de credibilidade. João Miguel Nunes²³ enriquece esta reflexão, alertando para o facto de que “no mundo atual do jornalismo, onde a velocidade com que a informação circula é cada vez maior, é obrigatório ter um cuidado extremo para conseguir entender o que é realmente verdade”.

Golding e Elliot (1979) dizem-nos que “a triagem e a organização do material que chega à redação constituem um processo de conversão dos acontecimentos observados em notícia” (Golding & Elliot, 1979, p.102). Não devemos apenas descrever o processo de seleção da informação como uma escolha subjetiva do profissional; ela é, simultaneamente, um processo bem mais complexo que acompanha todo o ciclo de produção e trabalho, desde as fontes à redação da notícia. O mesmo podemos dizer em relação aos valores-notícia. Como vimos no capítulo anterior – dedicado ao ciclo de produção noticiosa – ,os valores-notícia são uma componente essencial da noticiabilidade, pelo que adquirem um maior significado, não só durante o processo seletivo de informação, mas também ao longo da cadeia de produção noticiosa. Para esta investigação, quisemos tentar perceber que critérios de noticiabilidade estiveram por detrás do acontecimento antes deste se tornar notícia. À primeira vista, tentámos elaborar um conjunto de valores-notícia que pudessem estar na base deste caso. Depois de alguma ponderação acerca dos critérios de noticiabilidade dos vários autores que têm vindo a ser mencionados ao longo deste trabalho, identificámos assim um conjunto de três valores-notícia que, pelas suas características inerentes, achámos que melhor correspondiam ao nosso estudo. São eles: o inesperado, a relevância, a amplificação do acontecimento.

O gráfico 1, mostra-nos, em percentagem, a quantidade de vezes que os valores-notícia que selecionamos estiveram presentes no caso em estudo. Admitimos ainda que um acontecimento possa ter mais que um valor-notícia, como é o caso em questão. Aliás, quantos mais critérios de noticiabilidade o acontecimento reunir, maior será a probabilidade de se transformar em notícia.

²³ Entrevista a João Miguel Nunes em anexo

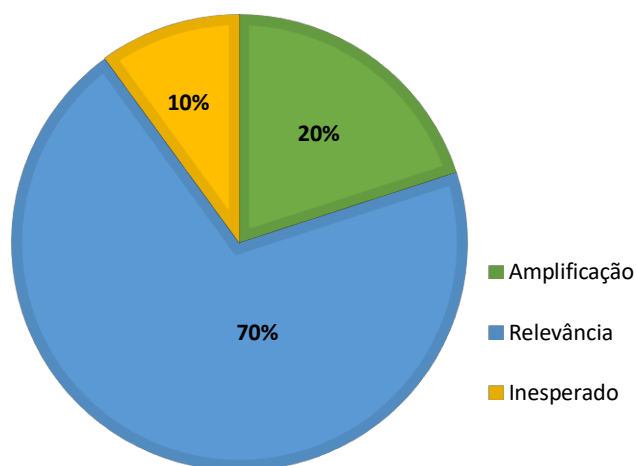


Gráfico 1: Presença dos valores-notícia em percentagem

Ao observarmos o gráfico 1, percebemos de imediato que a relevância é o critério de noticiabilidade que reúne uma percentagem mais elevada. De alguma forma, a relevância de um determinado acontecimento é individualizada ou personalizada, isto é, está associada ao agente da ação ou àquele que participou nela. Para Carlos Manuel Albuquerque, a justificação deste valor é, de alguma forma, óbvia. A nossa investigação trata um acontecimento “de um protagonista de uma das principais equipas do campeonato, com um passado histórico de enorme relevância desportiva e pessoal”. Da mesma forma, Clara Osório reforça a relevância incontornável que o caso adquiriu, pela figura que Iker Casillas representa para o mundo desportivo. A jornalista acrescenta ainda “a gravidade do acontecimento e as implicações futuras do mesmo”, ou seja, as suas consequências. De alguma forma, este critério de noticiabilidade está também relacionado com o impacto que o acontecimento tem junto do público. Sendo uma figura conhecida, dentro e fora do mundo desportivo, claramente o anúncio do enfarte de Casillas despertou sentimentos nas pessoas, especialmente naqueles que acompanhavam a sua carreira. Este impacto é, naturalmente, importante para a comunidade jornalística. O valor-notícia relevância arrasta consigo um outro, também elaborado por Galtung e Ruge, que diz respeito à referência a pessoas de elite que tem como consequência a personalização de determinados acontecimentos. Neste sentido, João Miguel Nunes vai mais longe ao afirmar que “não podemos também esquecer o percurso de Casillas, um guarda-redes com uma carreira recheada de títulos (foi inclusivamente campeão do mundo). Todo este currículo – e a popularidade inerente à profissão – tornou o espanhol um dos atletas mais

conhecidos do mundo”. Reforçada a ideia, podemos então concluir que a notoriedade do indivíduo, neste caso, de Iker Casillas, é também um dos critérios a ter em conta na seleção e produção de notícias. De facto, o motivo que levou este acontecimento a tornar-se notícia foi, sem dúvida, a figura incontornável que o guarda-redes representa no mundo desportivo, enquanto profissional do futebol. Por ser uma figura conhecida de todos, adquire assim uma relevância significativa, que um cidadão comum não conseguiria alcançar.

Não menos importante é o critério inesperado. Apesar de uma percentagem significativamente mais baixa (cerca de 10%), este critério foi talvez o mais decisivo na hora de anunciar o enfarte inesperado do guarda-redes. Desta forma, João Miguel Nunes reforça a presença deste critério, dizendo que “a opinião pública nunca pensaria que um atleta de alta competição, altamente vigiado em termos clínicos, pudesse ter um problema de saúde da dimensão da qual falamos”. Um acontecimento inesperado é sempre importante para a cultura jornalística, que tanto pode adquirir uma conotação negativa ou positiva, consoante aquilo que estamos a falar. No nosso caso específico, tratamos de uma situação de saúde bastante delicada, pelo que será necessária uma atenção redobrada na hora de divulgar alguma informação. Este critério de noticiabilidade mede, de alguma forma, o impacto que o acontecimento terá a partir do momento em que é divulgado.

Desta forma, a amplificação do acontecimento é outro dos valores-notícia importantes para o caso em estudo. Este critério foi essencial para percebermos as proporções do caso. Depois de anunciado pela primeira vez, quisemos perceber por quanto tempo mais o enfarte de Iker Casillas seria notícia. Neste sentido, a amplificação do acontecimento traduz-se no acompanhamento do caso, por exemplo, no que diz respeito a evoluções do estado clínico e aos pormenores inerentes à sua condição. Sobre este ponto, os nossos entrevistados estão de acordo. Todos eles reforçam a ideia de que, para o acontecimento continuar a ser mantido, este precisa de ter constantemente atualizações relevantes que justifiquem que se fale do acontecimento. Enquanto Clara Osório destaca a evolução da notícia e do estado de saúde do jogador enquanto personalidade reconhecida no mundo do desporto e “a mobilização de várias personalidades do desporto mundial” importantes para a atualização do caso, Carlos Manuel Albuquerque afirma mesmo que a notícia do enfarte do guarda-redes do Futebol Clube do Porto se manteve sempre atual – que é outro dos aspetos a salientar – pelas constantes “atualizações oficiais provenientes da unidade de saúde que acompanhava o atleta, pelas várias reações de outras figuras do universo do jogador, o momento da alta médica, as fotos publicadas pelo próprio nas redes sociais” e,

finalmente, pela “primeira declaração do doente, em contexto hospitalar”. Comprendemos então que a temporalidade do acontecimento noticiado é fundamental para a atividade jornalística, uma vez que a atualidade é também um dos pilares essenciais na própria rotina da profissão. O público, em geral, gosta de estar informado sobre a atualidade, pelo que a atualização constante do estado de saúde do jogador foi um fator determinante para que o acontecimento continuasse a ser retratado, não só pela RTP, mas também em qualquer um dos outros meios de comunicação social.

Finalmente, compreendemos que os critérios de noticiabilidade acima referidos sejam a peça fundamental do acontecimento noticiado. Os valores-notícia funcionam, de certa forma, em cadeia. Isto significa que um acontecimento precisa de responder a vários critérios de noticiabilidade para passar a ser notícia. Não é surpreendente que quantos mais critérios um acontecimento reunir, maior probabilidade terá em ser noticiado e, posteriormente, amplificado. Esta é, sem dúvida, a condição necessária para ser notícia.

A partir do momento em que deixa de haver mais informações que acrescentem algo àquilo que já foi dito e transmitido, deixa de fazer sentido continuar a divulgar o acontecimento. Na nossa análise, verificámos esta mesma tendência que nos permitiu elaborar a tabela 3, abaixo representada. Ao longo de praticamente uma semana, de 1 a 6 de maio, registaram-se diferentes picos de informação que, naturalmente, corresponderam a atualizações do estado de saúde de Casillas, a partir do primeiro momento em que foi hospitalizado. Existiram também dias em que não se registaram quaisquer referências ao caso, mais especificamente nos dias 4 e 5. O dia 6 de maio marca o último dia da semana em que o guarda-redes é notícia. Aliás, este dia representa a saída de Iker Casillas do hospital, que foi acompanhada da primeira declaração pública que o jogador fez para os vários meios de comunicação social, pelo que percebemos a importância em ser noticiado.

Dia	1 de maio	2 de maio	3 de maio	4 de maio	5 de maio	6 de maio	(...)	17 de maio
Nrº total de notícias nos dois blocos informativos	7	6	1	-	-	2		1

Tabela 3: Número de notícias, por dia, nos dois blocos informativos

Por outro lado, e ainda referente à tabela, é possível constatar uma nova tendência. Parece haver uma diminuição no número de notícias transmitidas acerca do caso em estudo. O primeiro dia do acontecimento acompanha o inesperado da situação, pois ninguém esperava que o guarda-redes fosse vítima de um enfarte, pelo que a produção de notícias nesse dia é superior aos restantes. Há necessidade de informar e partilhar com todos o estado de saúde de Casillas e, posteriormente, pensar em futuras consequências. A partir daí, entendemos que, apesar da relevância do caso, não existam informações suficientes que justifiquem estar sempre a falar no assunto, pelo que há uma quebra na produção noticiosa pois, caso contrário, estaríamos sempre a repetir informações.

Por sua vez, verificou-se também que o guarda-redes do Futebol Clube do Porto só volta a ser notícia 10 dias depois da sua alta, aquando de uma visita aos seus colegas de trabalho. Isto significa que, desde o momento em que Casillas sai do hospital, a 6 de maio até ao dia em que o mesmo visita os seus companheiros, não existiram quaisquer informações realmente significantes para voltar a falar do estado de saúde e recuperação do guarda-redes. O facto de não existirem informações relevantes que justifiquem falar do caso novamente, faz com que, de certa forma, o assunto seja “esquecido”. Desta forma, temos de concordar com a jornalista da RTP, Clara Osório, que reforça a ideia de que “o acontecimento deixa de ser notícia a partir do momento em que nada de relevante justifica o *follow up*” do mesmo.

Por fim e, apesar de alguma discussão sobre a inclusão de um novo critério de noticiabilidade, chegámos à conclusão de que o direto é atualmente um valor notícia essencial para o jornalismo televisivo. O direto permite vivenciar os acontecimentos ao vivo, no preciso momento em que um repórter relata os factos do mesmo. Por outras palavras, o telespetador assiste e vive o desenrolar dos acontecimentos em tempo real, para além de toda a contextualização relativa ao acontecimento. Neste contexto, devemos considerar o direto como um critério de noticiabilidade importante. Mais à frente, nesta exposição, retomamos a temática do direto, onde iremos perceber a sua importância e contribuição para este trabalho.

4.4.2 – *Telejornal vs 3 às 17*

Não é novidade para ninguém que o jornalismo desportivo “oscila entre o imediatismo da oferta informativa ou cobertura noticiosa pura e a dependência do comentário de *experts* que participam na construção da percepção dos eventos” (Novais, 2010, p.13) e que, por isso, desperta diversos sentimentos e reações. Depois de tentarmos perceber a perspectiva dos nossos entrevistados relativamente à produção noticiosa do caso que envolveu Iker Casillas, centramo-nos agora numa comparação entre os dois blocos informativos aqui em estudo. Com o objetivo de complementar a nossa investigação, quisemos entender se o jornalismo desportivo tem um peso significativo nos blocos de informação diária e generalista *Telejornal* e *3 às 17* ou se, pelo contrário, segue a premissa de que estamos perante uma editoria menor ou um tipo de jornalismo que não é levado tão a sério e, que por vezes, se acaba por confundir com o entretenimento. Para os dois blocos de informação diária, optamos por ter como referência os dias entre 1 a 6 de maio, referentes à semana em que Iker Casillas sofreu um enfarte e o dia 17 de maio. De modo a ilustrar qual dos blocos dedicou mais tempo ou, neste caso, teve mais notícias sobre o caso em estudo, elaborámos o gráfico 2.

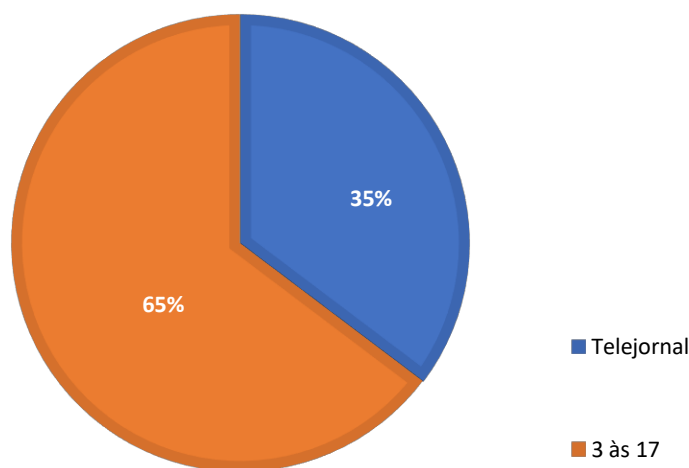


Gráfico 2: Percentagem de notícias em cada um dos blocos informativos

Ao observar o gráfico 2, percebemos de imediato que existe uma grande discrepância em relação à percentagem de notícias televisivas que passaram nos dois blocos de informação diária, aqui em estudo. 65% das notícias que compõe o nosso campo de observação, tiveram um maior destaque no bloco noticiário *3 às 17*, ao invés das restantes 35% emitidas no *Telejornal*. À primeira vista, este resultado pode parecer estranho, especialmente para quem não está familiarizado com a natureza do noticiário *3 às 17*. Apesar de o *Telejornal* ser um dos principais blocos de informação do dia na RTP1, é no *3 às 17* da RTP3 que existe um maior número de notícias sobre o guarda-redes. Este resultado poderá, de certa forma, ser justificado pelo facto de este bloco informativo ter um espaço dedicado, exclusivamente, ao desporto, dando-lhe assim uma maior visibilidade, que não teria noutro espaço informativo, como é o caso do *Telejornal*, onde há obrigação de percorrer todos os assuntos que foram relevantes durante o dia. Face a estes resultados, Clara Osório, pivô no espaço de desporto do *3 às 17*, começa por nos explicar que, apesar de ambos os blocos serem de informação diária, são simultaneamente dois espaços informativos diferentes. A jornalista completa a ideia, justificando que “no *3 às 17* está incluída uma página de desporto com um pivot especializado e, por isso, o bloco de notícias é alargado e aprofundado”. Desta forma, havendo um espaço exclusivamente dedicado ao desporto, há também uma necessidade maior de noticiar de forma contínua um determinado acontecimento desportivo ou relacionado com uma personalidade do desporto. Por sua vez, para João Miguel Nunes, esta discrepância em relação aos resultados apresenta uma justificação lógica, pois para o jornalista “o *telejornal* é um bloco informativo onde é tratada toda a informação de todas as áreas. É um resumo de tudo o que foi notícia durante o dia. Por isso mesmo, o desporto tem de “dividir” o espaço com outras áreas”. Neste sentido, Carlos Manuel Albuquerque realça que, no bloco informativo da noite, o desporto “só deve prevalecer nas aberturas, em casos de maior relevância, como por exemplo, a decisão de um título de uma modalidade a nível coletivo ou individual, dependendo da importância dessa mesma modalidade ou um acontecimento de tal forma inesperado, como foi o de Iker Casillas”.

Outro motivo que tivemos em consideração neste estudo foi a diversidade de formatos em que se apresentavam as notícias. Se atentarmos bem nas grelhas que elaborámos para a organização da informação²⁴, verificamos a existência de pelo menos quatro formatos

²⁴ As tabelas estão em anexos e referem-se a cada um dos blocos informativos

distintos: *off*, direto, boca e peça. Para um melhor entendimento do que significa cada um dos formatos, elaborou-se a seguinte tabela:

<i>Off</i>	Texto curto acompanhado de um bloco de imagens, no máximo com 40 segundos, que é lido pelo pivô durante um bloco informativo.
Direto	Repórter que está fora da redação e é lançado pelo pivô para falar em direto sobre o acontecimento.
Boca	Declarações das pessoas entrevistadas.
Peça	Reportagem curta que junta um bloco de imagens a um texto gravado em voz off por um jornalista e que poderá ser acompanhado de declarações de pessoas entrevistadas.

Tabela 4: Formatos das notícias

No subtópico anterior, lançámos a discussão sobre o direto ser considerado, neste contexto, um dos critérios de noticiabilidade mais importantes para o jornalismo televisivo. De facto, o direto adquire uma importância extrema em televisão, tendo em conta que é através dele que o telespetador pode acompanhar o acontecimento ao mesmo tempo em que ele está a ser produzido. Ao longo da nossa investigação, verificámos a existência de quatro diretos, sendo que três deles foram registados no bloco informativo da RTP3, o *3 às 17*, e um deles foi registado no *Telejornal* da RTP1. Compreendemos a importância do direto nesta situação, uma vez que, como já mencionámos, o direto permite, de certa forma, viver os acontecimentos no exato momento em que o repórter está a descrever os factos. Neste sentido, os telespetadores seguem, com mais detalhe, a informação divulgada. O direto também é uma forma de dar credibilidade àquilo que é dito. Se observarmos com atenção, os diretos realizados em torno deste caso foram praticamente todos realizados à porta do Hospital da CUF Descobertas, no Porto, salvo a exceção em que um deles foi realizado em estúdio. Este último traduziu-se simultaneamente numa contextualização do acontecimento, visto que se tratava de um telefonema de um cardiologista.

Deste modo, a ideia principal que é transmitida para o telespetador, é que, estando próximo do local e junto das devidas fontes, é possível divulgar uma informação credível e ao mesmo tempo atualizada, em tempo real. Este aspeto foi, naturalmente, relevante para o nosso caso em estudo.

No que diz respeito ao alinhamento das notícias, em cada um dos espaços informativos, constatámos uma tendência que não é nova: enquanto no *3 às 17*, o caso de Casillas abriu o noticiário, pelo menos duas vezes, no *Telejornal* isso nunca aconteceu (gráficos 3 e 4).

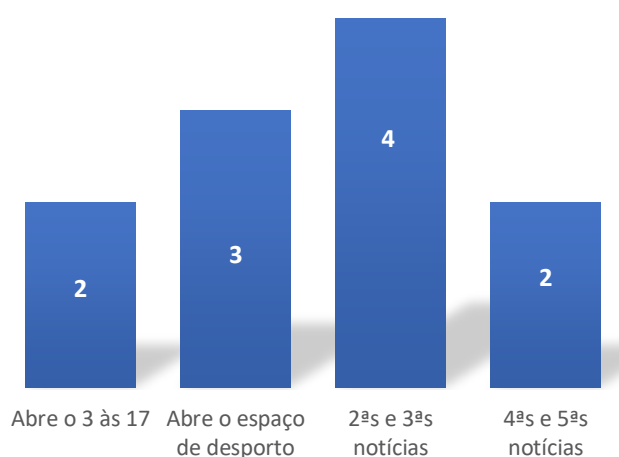


Gráfico 3: Alinhamento das notícias no noticiário *3 às 17*

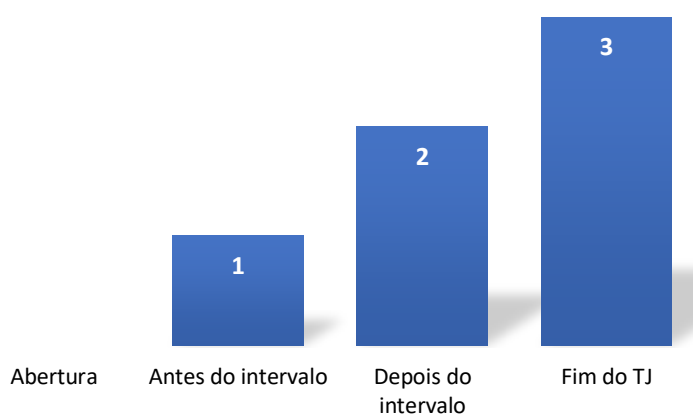


Gráfico 4: Alinhamento das notícias no *Telejornal*

Nos gráficos 3 e 4, podemos ver que existe uma distribuição ligeiramente diferente, no que diz respeito ao número total de notícias emitidas por cada um dos blocos informativos. Esta distribuição é algo que não nos surpreende, pois, de acordo com a opinião de João Miguel Nunes, no *Telejornal*, o desporto acaba sempre por dividir o espaço com outras áreas. Além disso, o jornalista reforça a ideia dizendo ainda “que é

lógico não existir espaço para noticiar tudo”, mas sim apenas aquilo que será, de facto, o mais relevante. Compreendemos assim que o caso de Casillas se assumiu, de algum modo, como um híper-acontecimento, não só pelas características inerentes à personalidade desportiva que o jogador representa, mas também porque ninguém esperava que o guarda-redes fosse vítima de um enfarte. É, então, natural que, na RTP3, havendo um primeiro noticiário da tarde, no qual existe um espaço dedicado ao desporto, este tipo de acontecimentos tenha um maior destaque e acompanhamento, ao invés do bloco informativo da noite da RTP1 que, por obrigação, terá de percorrer todos os assuntos relevantes desse mesmo dia. A atenção e tempos dedicados ao acontecimento serão, naturalmente, diferentes. Por este motivo, não pode ser surpresa para nós os resultados ao nível do alinhamento de cada um dos blocos informativos.

Apesar da discrepância de resultados nos dois espaços informativos, podemos dizer que a RTP garantiu, de certo modo, um acompanhamento constante e sóbrio relativamente ao caso.

Ao observar o gráfico 5, verifica-se, regularmente, a existência de notícias sobre o acontecimento, o que traduz o acompanhamento do mesmo. Ainda que o número de notícias seja diferente de noticiário para noticiário, estes números refletem, de um modo geral, o ciclo de produção noticiosa deste caso.

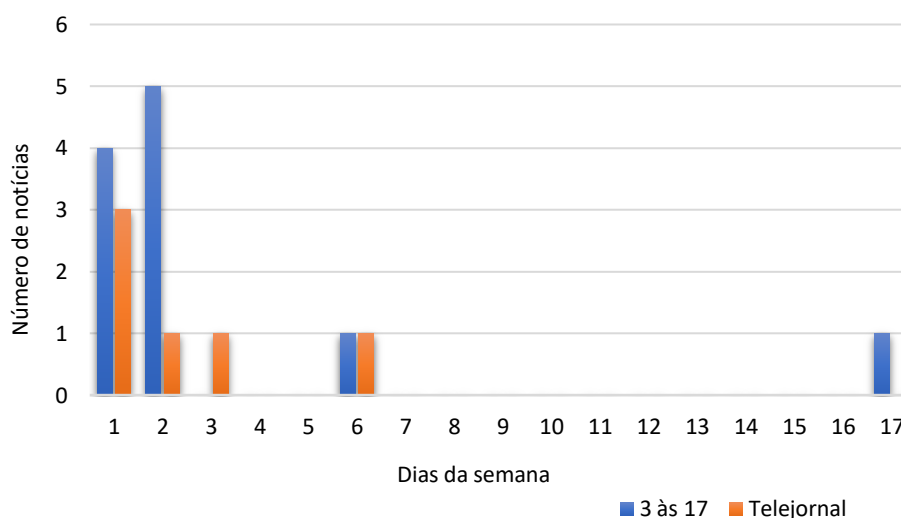


Gráfico 5: Acompanhamento do caso, por parte do *3 às 17* e do *Telejornal*

Dia 1 marca o dia em que é dada a notícia de que Casillas sofreu um enfarte, pelo que o número de produção das mesmas é maior, em ambos os blocos informativos: quatro no *3 às 17* e três no *Telejornal*. O mesmo não acontece, por exemplo, no segundo dia, onde se verifica que, de facto, o *3 às 17* faz um acompanhamento maior da situação. Carlos Manuel Albuquerque refere que, neste dia a notícia não deve ser: Iker Casillas sofreu um ataque cardíaco. Mas sim: Iker Casillas já saiu dos cuidados intensivos e já não corre perigo de vida”. De acordo com os restantes entrevistados, os dias seguintes devem acompanhar a evolução do estado de saúde do guarda-redes. Por sua vez, também é possível verificar uma quebra neste ciclo noticioso, nos dias 3, 4 e 5 para o *3 às 17* e nos dias 4 e 5, para o *Telejornal*. Esta quebra pode ser justificada pelo facto de não existirem atualizações em relação ao caso, pelo que não foram registadas peças sobre o mesmo²⁵.

Continuando a nossa análise, é possível identificar o dia 6 que, corresponde à saída de Iker Casillas do Hospital da CUF Descobertas, no Porto, e à primeira declaração do mesmo, pelo que mereceu destaque por parte dos dois espaços informativos. A partir desse momento, e como o gráfico nos indica, não se registaram mais notícias sobre o assunto até ao dia 17 do mesmo mês. Tal aconteceu porque, como explica a jornalista Clara Osório, “o acontecimento deixa de ser notícia a partir do momento em que nada de relevante justifica o follow up”. Da mesma forma, Carlos Manuel Albuquerque afirma que “a ausência de evoluções relevantes no que respeita ao estado de saúde do jogador e ao futuro do mesmo em contexto desportivo” faz com que o acontecimento seja esquecido.

²⁵ Ver tabelas em anexo

CONCLUSÃO

Os *media* atuais, e especialmente a RTP, pela sua missão de serviço público, têm hoje uma responsabilidade fundamental e acrescida na transmissão do conhecimento e na percepção que a população absorve dos diversos setores da sociedade. São responsáveis e capazes de intervir na forma como a realidade é construída, através de discursos. Desta forma, não é de estranhar que o discurso jornalístico seja aquele que melhor contribui para a organização da vida social e para a construção da nossa visão sob o mundo. A vida quotidiana está repleta de eventos imprevisíveis e incontornáveis. Por outras palavras, habitamos assim num mundo que foge do nosso controlo e que, ao mesmo tempo, é construído por discursos e enunciados linguísticos. Entre os discursos de construção possíveis, os meios de comunicação social assumem-se como “uma das principais fontes de informação, necessários à compreensão e organização do ambiente natural circundante, dos quais os seres humanos fazem uso” (Thompson 1998 & Dalhgreen, 1995).

Mais do que simples espelhos da realidade pré-existente, os enunciados jornalísticos intervêm na construção social e no modo em que essa realidade é percecionada, acrescenta Traquina. Na realidade, eles são uma máquina que consegue, de forma eficaz,

intervir na forma como a realidade é construída ao definirem “o(s) significado(s) dos acontecimentos (assuntos e problemáticas), oferecendo interpretações de como compreendê-los” (Traquina, 2002, p.11). Os acontecimentos ao serem noticiados e ao transformarem-se em produtos jornalísticos “tendem a assumir uma significação nova e ideal” (Park, 1976, p.180).

Ao longo destas páginas tentámos traçar, de forma sumária, o percurso do jornalismo desportivo, enquanto especialização da atividade jornalística, com um foco particular para o meio televisivo, assim como tentámos perceber o modo de funcionamento ao nível da produção e construção das notícias – matéria importante e que serve de contextualização para o nosso universo de investigação.

O estágio curricular de cinco meses na RTP Lisboa e a investigação que nos propusemos a realizar, na seção de desporto deste canal televisivo, foram relevantes para a recolha de dados acerca do tema em questão. De facto, o estágio realizado constituiu-se muito mais do que um ponto de partida para o estudo que aqui apresentámos, foi antes um espaço de investigação, onde pudemos perceber e acompanhar a produção do ciclo noticioso, nomeadamente, no que diz respeito às rotinas de produção e construção de notícias relativas ao nosso caso. Do mesmo modo, a pergunta de partida que orientou esta investigação *Qual o ciclo de produção noticiosa no caso Iker Casillas?*, procurou compreender as etapas inerentes à produção de notícias sobre o infortúnio do guarda-redes.

Durante esta investigação, preocupámo-nos em estudar a produção das notícias acerca do enfarte do guarda-redes, durante a semana de 1 a 6 de maio, contemplando ainda o dia 17 do mesmo mês, nos dois blocos de informação diária da estação de televisão. Depois de analisar os resultados obtidos e de comparar as entrevistas realizadas, foi possível apurar a validade das premissas colocadas no início deste relatório. Neste sentido, e de forma não surpreendente para nós e para os entrevistados, pudemos constatar, de maneira geral, que as notícias de desporto são sempre ou praticamente sempre as últimas do alinhamento de um bloco de informação, assim como raramente uma notícia de desporto é a primeira a ser exibida, salvo raras exceções. A título de exemplo, e para confirmar as hipóteses de trabalho acima, verificámos que, no *Telejornal* da RTP, as notícias relativas ao caso em questão, apareciam quase sempre posicionadas em último lugar, ao invés do que aconteceu no *3 às 17* da RTP3, em que houve, pelo menos duas situações, em que as notícias de abertura do próprio bloco informativo foram, de facto, sobre o enfarte de Casillas. Além disso, foi possível também constatar que no *3 às 17*, por ser um bloco

informativo com um espaço dedicado ao desporto, houve um maior acompanhamento do caso, algumas vezes com recurso a diretos.

Relativamente ao ciclo de produção de notícias propriamente dito, e como tivemos oportunidade de assistir ao longo do relatório, os *media* são os principais responsáveis pelo processo de transformação dos acontecimentos em notícias. Verificou-se que este processo é algo natural e comum, que faz parte da cultura e rotina jornalísticas. Porém, e de acordo com o grau de relevância de cada acontecimento, a informação pode ou não ser tratada e trabalhada de maneira diferente. Neste caso, em particular, verificámos que o ciclo de produção de notícias, relativo ao enfarte de Iker Casillas, se assume bem mais complexo do que imaginávamos. Tratando-se, claramente, de uma situação delicada, existem certos cuidados a ter, no momento antes da divulgação da informação. Embora não tenha sido uma questão muito explorada por parte dos nossos entrevistados, podemos afirmar que as fontes e a seleção das mesmas constituem um fator determinante e que, de certa forma, ajudam à credibilidade da informação que é divulgada.

Sobre os valores-notícia aqui em estudo, podemos dizer que estes foram fundamentais para o acontecimento passar a ser notícia, ou seja, divulgado e conhecido pelo público. Foi ainda curioso de constatar que todos os entrevistados acabaram por comprovar a relevância do caso, associada à figura de Casillas e ao seu percurso, apontando-o como principal critério de noticiabilidade. Isto leva-nos, de certa forma, a concordar com Wolf, no que diz respeito ao modo de funcionamento dos critérios de noticiabilidade: “os valores-notícia constituem critérios que não são ativados um a um mas em ‘cacho’ e segundo hierarquias mutáveis” (Wolf, 2009, p. 249). Significa então que os critérios de noticiabilidade estão sujeitos a alterações, adaptando-se ao tempo, às gerações e, essencialmente, aos contextos e culturas profissionais.

Tendo em conta o mediatismo que este caso rapidamente adquiriu, pudemos comprovar que, ao longo da semana em que Casillas esteve hospitalizado, houve necessidade por parte da RTP de atualizar os telespetadores e adeptos em relação à situação em que o guarda-redes se encontrava. Daqui podemos destacar – embora com algumas diferenças – as notícias transmitidas nos dois blocos de informação que fazem parte deste estudo. O direto, como já mencionámos anteriormente, foi também um dos recursos usados para transmitir as informações sobre o caso, mas teve uma função específica: a de contextualizar todos aqueles que acompanharam a situação. Neste

sentido, podemos concluir que houve um acompanhamento constante, por parte da RTP, em relação a este acontecimento. Isto reforça, de certa forma, a opinião de Felisbela Lopes, no que diz respeito ao serviço público de televisão, na qual esta se deve orientar pela lógica dos conteúdos que são do interesse público.

Como tenho vindo a mencionar ao longo deste relatório, a observação participante constituiu-se como uma peça fundamental para a realização deste trabalho e para as conclusões aqui presentes. De facto, a experiência na redação, ajudou-me a perceber e encarar as técnicas de produção noticiosas, bem como a compreender o funcionamento das rotinas e práticas jornalísticas das quais, muitas vezes, sem esta experiência, não temos noção.

Em suma, de acordo com os resultados obtidos, é possível afirmar que a produção de notícias referentes ao infortúnio de Casillas, é resultante de um processo complexo que depende não só de fatores externos, como as fontes de informação, mas também de fatores internos, como é o caso do contexto e da cultura profissional dos meios de comunicação social, em que os jornalistas estão inseridos. Ao longo dos meses de estágio, foi ainda possível apurar que, na RTP, existe uma distribuição equilibrada no que diz respeito às notícias de desporto em geral. Nas palavras de Carlos Manuel Albuquerque, “na RTP, o desporto é tratado com o equilíbrio que se exige cada vez mais a uma empresa de serviço público, ou seja, dando relevância, cada vez maior, às representações nacionais que obtêm resultados de excelência nas mais importantes competições nacionais e internacionais”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agee, W, & Traquina, N. (2005). *O Quarto Poder Frustrado: Os Meios de Comunicação Social no Portugal Pós-Revolucionário*. Lisboa: Vega .

Aguiar, L. (2008). *Entretenimento: valor-notícia fundamental in estudos de jornalismo e mídia*. Florianópolis, v.5, n,1, pp. 13-23, jan./jun. 2008. [Internet] Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p13/10217> [Consult.23/08/19].

Albertos, M. (1978). *Redacción y periodística*. 3.ed s.e.

Alcoba, A. (2005). *El Periodismo desportivo en la sociedad moderna*. Madrid: El autor.

Alsina, M.R. (1996). *La construcción de la noticia*. Barcelona: Editorial Paidós Iberica.

Bianco, N. R. (2004). Noticiabilidade no Rádio em Tempos de Internet. *Actas do III SOPCOM, VI LusoCom e II Ibérico*, 4, Covilhã: Universidade da Beira Interior, pp. 157-165. [Internet]. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianconelianoticiabilidade-radio-tempos-internet.pdf>

[Consult. 12/07/19]

Boyle, R. (2006). *Sports Journalism: Context and Issues*. London: SAGE Publications Ltd.

Cádima, F. (1995). *Televisão, serviço público e qualidade*. [Internet] Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/cadeiras/htt/artigos/Televisao,%20servi%C3%A7o%20p%C3%BAblico%20e%20qualidade.pdf> [Consult. 4/08/19].

Cádima, F. (1999). *Desafios dos novos media, a nova ordem política e comunicacional*. Lisboa:Editorial Notícias.

Canavilhas, J. (2001). *Televisão: o domínio da informação espetáculo*. [Internet] disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-televisao-espectaculo.pdf> [consult. a 23/07/19].

Canavilhas, J. (2010). *Webjornalismo: sete características que marcam a diferença*. Covilhã, Labcom. [Internet] Disponível em: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf [Consult. 12/06/2019].

Cardoso, G. & Cardoso, T. (2007). Futebol, identidade e media em sociedade em rede *In Observatório (Obs) Journal*, vol. 1, pp.119-143.

Cascais, F. (2001). *Dicionário de Jornalismo*. Lisboa: Editorial Verbo.

Coelho, J. N. (2001). *Portugal – a equipa de todos nós: nacionalismo, futebol e media*. Porto: Edições Afrontamento.

Coelho, J. N. (2004). “*Vestir a camisola*” – *jornalismo desportivo e a seleção nacional de futebol*. *Media & Jornalismo*. vol. 4, pp. 27-40. [Internet] Disponível em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/02/n4-03-Joao-Nuno-Coelho.pdf> [Consutl. 4/08/19].

Coelho, P. (2005). *A TV de Proximidade e os Novos Desafios do Espaço Público*. Lisboa: Horizonte.

Contrato de Concessão do Serviço Público de Rádio e de Televisão. Rádio e Televisão de Portugal. [Internet] Disponível em: <http://media.rtp.pt/institucional/wpcontent/uploads/sites/31/2015/07/contratoConcessao2015.pdf>. [Consult 4/08/19].

Correia, F. (1998). *Os Jornalistas e as Notícias. A Autonomia Jornalística em Questão*. Lisboa:Caminho.

Correia, J.C. (2011). *O Admirável mundo das notícias*. Covilhã, LabCom. [Internet] Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/4344/1/O%20Admirável%20Mundo%20das%20Not%C3%ADcias%20%282011%29.pdf> [Consult. 12/06/2019].

Curto, D. R. (2006). *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no Século XX*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Ferin, I. (2012). *Análise dos Média*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 246-247. [Internet] Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/40003/1/Analises%20dos%20media.pdf> [Consult.28/09/19].

Fidalgo, J. (2003). *De que é que se fala, quando se fala em serviço público de televisão?*, Comunicação e Sociedade: Universidade do Minho.

Fidalgo, A & Serra P. (2003). *Informação e Comunicação Online: Jornalismo Online*. vol. 1, Covilhã: LabCom. [Internet] Disponível em: http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20110829-fidalgo_serra_ico1_jornalismo_online.pdf [Consult. 26/09/19].

Flores, R. (2004). *Quando o jornalista vira torcedor, como fica a cobertura esportiva?*. Mediação, pp. 63-70.

Fontcuberta, M. (2002). *A Notícia – pistas para compreender o mundo*. Lisboa, Editorial Notícias.

Gans, H. (1979). *Deciding what's news. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, News, Newsweek and Time*. Nova Iorque: Pantheon Books.

Garbarino, A. (1982). La normalizzazione dei giornalisti. *IN Sociologia dell'organizzazione*, pp.7-53.

Galtung, J. & Ruge, M. (1999). A estrutura do noticiário estrangeiro – A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: *Traquina, N. (Org.). Jornalismo: questões, teorias e estórias*. 2.ed. Lisboa: Veja, 1999.

Golding, P. & Elliot, P. (1979). *Making the News*. Londres: Longman.

Gradim, A. (2000). *Manual do jornalismo*. Covilhã, Labcom. [Internet] Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf> [Consult. 12/06/2019].

Jespers, J. (1998). *Jornalismo Televisivo*. Coimbra, Edições Minerva.

Lemos, M. M. (2006). *Jornais Diários Portugueses do século XX, um Dicionário*. Coimbra, Ariadne editora/ceis20.

Lopes, F. (1999). *O Telejornal e o Serviço Público*. Coimbra: Minerva.

Maguire, J. (2004). *Pontos e questões chave do complexo desporto – media globais*. Media & Jornalismo, vol. 4, pp.7-24.

Molotch, H., & Lester, M. (1974). *News as Purposive Behavior: On the Strategic Use of Routine Events, Accidents and Scandals*. American Sociological Review, nº39 vol. 1, pp. 101-113.

Mónico, L., Alferes, V., Castro, P., Parreira, P. (2017). A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. In *Atas Congresso Ibero Americano em Investigação Qualitativa*. [Internet]. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447/1404> [Consult.23/09/19]

Moraes, R (1999). *Análise de conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, vol. 22, nº 37, p. 6. [Internet] Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf

[Consult. 28/09/19].

Murta, D. (1997). *O mercado português dos jornais desportivos: descrição e modelização da rivalidade estratégica*. [Internet] disponível em: <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/13775/1/Daniel.M.Mestr.T.pdf> [consult. a 02/10/19].

Neves, J. (2006). *Uma economia do olhar: notas para uma história do futebol na era da TV* in Lopes, F. & Pereira, S. (coord.), *A TV do futebol*, Porto: Campo das letras.

Novais, R. A. (2010). *A representação do futebol na imprensa*. Porto: Media XXI.

Park, R. (1976). *A notícia como forma de conhecimento*. in *A notícia como forma de conhecimento segundo Robert Park*. Universidade Federal das Minas Gerais. [Internet] Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-noticia-como-forma-conhecimento.pdf> [Consul.4/7/19].

Pinheiro, F. (2011). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto. Edições Afrontamento.

Pinto, R. J. (2010). *Infotainment*, in Szymaniak, W. *et al.* Dicionário de Ciências da Comunicação. Porto, Porto Editora.

Rodrigues, A. D. (1988). «*O acontecimento*» in *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Vega Editora, 2ª edição, pp. 27-33.

Rowe, D. (2007). *Sports Journalism: still the “toy department” of a news media?*. Journalism, pp. 8-20.

RTP (2016). *Plano de Atividades*. Lisboa: RTP. [Internet] Disponível em: http://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c324679626d56304c334e706447567a4c33687061576c735a576376593239744c7a457959324e6a616d51765a47396a6457316c626e527a4c334273595735764947463061585a705a47466b5a584d674d6a41784e6c3979644841756347526d&fich=plano%2520atividades%25202016_rtp.pdf&Inline=true [Consult. 3/08/19].

Santos, J. R. (2001). *Comunicação*. Lisboa, Prefácio.

Santos, R. (2003). *Jornalistas e Fontes de Informação: sua relação na perspectiva da sociologia do jornalismo*. Coimbra: Minerva.

Santos, R. (2007). *Indústrias culturais: imagens, valores e consumos*. Lisboa: Edições 70.

Santos, S.C. (2003). *Da rádio estatal ao modelo integrado: Compreender o serviço público de radiodifusão em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Schudson, M. (2003). *Porque é que as notícias são como são? Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 8, pp. 17-24.

Silva, C; Gobbi, B & Simão, A. (2004). *O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta de pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método*. Universidade Federal de Lavras.

Silva, M. (2010). *Como os acontecimentos se tornam notícia: uma revisão ao conceito de noticiabilidade*. Universidade Estadual Paulista, pp. 173-183. [Internet] Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/12417> [Consult.25/08/19].

Sousa, J. (2010). *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó/Florianópolis Argos/Letras Contemporâneas.

Teves, V.H. (2007). *RTP 50 Anos - História da Televisão em Portugal*. Lisboa: Rádio e Televisão de Portugal.

Torres, E.C. (2011). *A Televisão e o Serviço Público*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Traquina, N. (2002). *Jornalismo*. Quimera Editores.

Tunstall, J. (1971). *Journalists at Work*. London: Constable. p.88.

Wolton, D. (2000). *Pensar a comunicação*. Lisboa, Difel.

Wolf, M. (2002). *Teorias da comunicação*. Lisboa, Editorial Presença.

ANEXOS

Anexo nº1 - Tabelas e grelhas de análise

Tabela referente ao programa 3 às 17

Data	Tema	Descrição	Duração	G. Jornalístico	Formato	Jornalista	Alinhamento
01/05/19	Enfarte Casillas	Casillas sofreu enfarte	0:37	Notícia	OFF	Alberta M. Fernandes (pivô)	Abre o 3 às 17
01/05/19	Enfarte Casillas	Casillas sofreu enfarte	0:37	Notícia	OFF	Alberta M. Fernandes (pivô)	Abre o desporto
01/05/19	Enfarte Casillas	Direto do Hospital da CUF	4'02	Notícia	Direto	Hugo Cadete (Desporto)	2ª peça
01/05/19	Enfarte Casillas	Telefonem a Cardiologista	4'36	Comentário	Direto por telefone	Marco Hélio em estúdio (desporto)	3ª peça
02/05/19	Enfarte Casillas	Telefonem a Marcelo R. Sousa	0'45	Notícia	OFF	Florbela Godinho (coordenadora)	Início do 3 Às 17
02/05/19	Enfarte Casillas	Direto do Hospital da CUF	3'25	Notícia	Direto	Hugo Cadete (desporto)	Abre o desporto
02/05/19	Enfarte Casillas	Declarações de Sara Carbonero	1'06	Declaração	Boca	Alexandre Santos (desporto)	2ª peça
02/05/19	Enfarte Casillas	Recuperação de Casillas	3'13	Notícia	Peça	Eduardo Pestana (desporto)	3ª peça
02/05/19	Enfarte Casillas	Cardiologista sobre Casillas	1'40	Notícia	Peça	André Castro Ribeiro (desporto)	4ª peça

03/05/19	Não houve desporto						
04/05/19	Não existem notícias alinhadas sobre o caso						
05/05/19							
06/05/19	Enfarte Casillas	Casillas sai do hospital	2'00	Notícia	Peça	António Pedro Carvalho (Desporto)	Abre o desporto
17/05/19	Enfarte Casillas	Casillas visita os jogadores	0'45	Notícia	OFF	João Miguel Nunes (desporto)	Meio do desporto

Tabela referente ao Telejornal

Data	Tema	Descrição	Duração	G.Jornalístico	Formato	Jornalista	Alinhamento
01/05/19	Enfarte Casillas	Casillas sofre enfarte	1'54	Notícia	Peça	Alexandre Albuquerque (desporto)	9º lugar (antes do intervalo)
01/05/19	Enfarte Casillas	Direto do hospital da CUF	3'30	Notícia	Direto	Hugo Cadete (desporto)	Passa a seguir
01/05/19	Enfarte Casillas	Carreira e Palmarés Casillas	1'50	Notícia	Peça	Helder Marques de Sousa (desporto)	Passa a seguir
02/05/19	Enfarte Casillas	Últimas Casillas	1'52	Notícia	Peça	Alexandre Albuquerque (desporto)	Quase no fim do telejornal
03/05/19	Enfarte Casillas	Atualização (últimas Casillas)	1'44	Notícia	Peça	Alexandre Albuquerque (desporto)	Quase no fim do telejornal
04/05/19	Não existem notícias alinhadas sobre o caso						
05/05/19							
06/05/19	Enfarte Casillas	Casillas sai do hospital	1'59	Notícia	Peça	António Pedro Carvalho (desporto)	Quase no fim do telejornal
17/05/19	Não existe notícia alinhada sobre o caso						

Anexo 2 – Entrevistas

Entrevista nº 1 – Carlos Manuel Albuquerque, jornalista e *pivô* no 3 às 17 e 360.

1- Antes de se tornar notícia, como é que a informação chegou à RTP?

No meu caso especial, estava fora da RTP quando ouvi pessoas anónimas num espaço comercial a comentar que o Iker Casillas tinha sido hospitalizado.

2- Privilegiam determinados tipos de fontes, em detrimento de outras para garantir, não só a qualidade, mas também a credibilidade da informação?

Privilegiamos os contactos pessoais para nos orientarem na melhor direção da abordagem e só avançamos a notícia que possa surgir noutras plataformas, depois de a cruzarmos com as nossas fontes. Em último caso, aguardamos a confirmação pelos meios oficiais dos clubes.

3- Como é que foi tratada a informação assim que chegou à redação?

Numa primeira fase, a notícia é escrita de forma breve em formato de rodapé móvel na base do ecrã, mesmo fora do contexto em que decorre a emissão. Na segunda fase escreve-se uma notícia breve para ser lida pelo pivot em funções, com imagens relativas ao tema. Na terceira fase, elabora-se uma peça noticiosa com texto escrito por um jornalista da redação. Numa 4ª fase, que pode ser contemporânea da primeira, convida-se um comentador (quando se justifica) para opinar sobre o assunto, ao telefone ou em estúdio de preferência.

4- Quem é que interveio no processo de seleção das notícias? Quem tomou a decisão final?

Um assunto como aquele a que se refere este questionário, é tratado de forma imediata por quem está em funções, preferencialmente um coordenador, que decide a forma como a notícia é transmitida. Num caso como este, todos os jornalistas são chamados a intervir da maneira que podem: ou a escrever, ou a confirmar a notícia junto de fontes, ou a elaborar as peças.

5- Que critérios de noticiabilidade precisa de ter um assunto/tema para se tornar um “acontecimento mediático”, como foi o caso do enfarte do guarda-redes Iker Casillas?

Mais uma vez repito que num caso como este, não há qualquer dúvida sobre o valor-notícia do evento. Neste caso trata-se de um protagonista de uma das principais equipas do campeonato, com um passado histórico de enorme relevância desportiva e pessoal, e que é vítima de uma doença completamente inesperada em função da idade e da profissão que o enquadra num rigoroso controlo de aptidão física.

6- Depois de ser noticiado, o que fez manter o acontecimento no “ar”?

Tratando-se de doença súbita e muito grave, todos os pormenores que se foram conhecendo, o processo de internamento e evolução do estado clínico. As frequentes atualizações oficiais provenientes da unidade de saúde que acompanhava o atleta, as várias reações de outras figuras do universo do jogador, o momento da alta médica, as fotos publicadas pelo próprio nas redes sociais; a primeira declaração do doente em contexto hospitalar e as conjeturas subsequentes sobre as consequências da enfermidade para o atleta.

7- Que fatores fazem “esquecer”, ou deixar cair no esquecimento, um acontecimento mediático?

Num caso como este, o que o faz “esquecer” é a ausência de evoluções relevantes no que respeita ao estado de saúde do jogador e ao futuro do mesmo em contexto desportivo.

8- Como é que caracteriza a situação do jornalismo desportivo em Portugal? E na RTP?

O jornalismo desportivo está cada vez mais presente em todos os canais, com enfoque especial naqueles que se dedicam quase em exclusivo a notícias durante o dia inteiro. O jornalismo desportivo é apenas o reflexo de um país tripartido em matéria de clubes e que vive a paixão de forma intensa e bastante fanática. Na RTP, o desporto é tratado com o equilíbrio que se exige cada vez mais a uma

empresa de serviço público, ou seja, dando relevância, cada vez maior, às representações nacionais que obtêm resultados de excelência nas mais importantes competições nacionais e internacionais.

9- Quais os princípios de construção de uma notícia desportiva? Existe algum tipo de cuidados com a linguagem usada, nomeadamente, com termos mais técnicos?

Sim. O jornalismo desportivo tem uma diversidade de modalidades, uma narrativa e um vocabulário que exige aos jornalistas um estudo permanente e muito abrangente. Mas também uma grande preocupação em destacar o que mais interessa realçar no contexto do evento, embora, neste caso particular, não seja um exclusivo do jornalismo desportivo. Todos os temas tratados (cultura, política, economia, sociedade, etc, devem ter o seu enfoque específico no que distingue o evento de outros tratados anteriormente. Por exemplo, no dia seguinte ao infortúnio que atingiu o futebolista inspirador deste trabalho (Iker Casillas) a notícia não deve ser: Iker Casillas sofreu um ataque cardíaco. Mas sim : Iker Casillas já safu dos cuidados intensivos e já não corre perigo de vida...) e só depois contextualizar que o jogador sofreu na véspera um enfarte em pleno treino.

10- Sendo o 3 às 17 e o Telejornal, blocos de informação diária, porque é que existe tanta discrepância, no que diz respeito ao alinhamento das peças sobre desporto?

O desporto no Telejornal, um serviço noticioso generalista de apenas 50, destinado a todos os públicos e em “prime-time” só deve prevalecer nas aberturas em casos de enorme relevância como por exemplo, a decisão de um título de uma modalidade relevante a nível coletivo ou individual, dependendo da importância dessa mesma modalidade, ou um acontecimento de tal forma inesperada, como foi o de Iker Casillas. No 3 às 17, estamos na presença de um espaço noticioso de um canal noticioso que pode encaixar de forma mais fiel, a quantidade de informação desportiva relevante que surge todos os dias e a toda a hora.

11- Para muitos autores o jornalismo desportivo é considerado “informação-espetáculo”. Será por ter esta designação que é, mais facilmente, desvalorizado ou colocado de parte, ao invés de outras áreas do jornalismo (política e sociedade)?

É preciso não confundir o espetáculo desportivo com a informação desportiva. Uma narração de um jogo emocionante e espetacular tem de acompanhar, naturalmente, essa ambiência. Mas, quando se trata de uma peça jornalística, mesmo referindo-se a um evento dito espetacular, deve o jornalista adequar a sua leitura às imagens deixando que estas sejam esse espelho fiel do espetáculo. Nessa ótica, também um concerto de uma banda mítica que arraste milhares de fãs também deveria gerar uma percepção desvalorizante porque se trata de um acontecimento espetacular. Notícias são sempre notícias e não vejo menos elevação num bom comentador desportivo quando comparado a um bom comentador político. Esse estigma tem vindo a desaparecer e assim vai continuar na medida em que a formação é cada vez melhor e a base de recrutamento de jovens jornalistas também aumentou exponencialmente com reflexos na qualidade e quantidade de talento que chega regularmente às redações.

Entrevista nº2 – Clara Osório, jornalista e *pivô* no 3 às 17 e 360.

1- Antes de se tornar notícia, como é que a informação chegou à RTP?

A notícia terá chegado em primeira instância à redacção do porto pelos contactos mais próximos que os jornalistas de lá têm com o FCP.

2- Privilegiam determinados tipos de fontes, em detrimento de outras para garantir, não só a qualidade, mas também a credibilidade da informação?

Sempre. A proximidade é fundamental para manter uma rede de contactos que possam ter informação correcta e fidedigna.

3- Como é que foi tratada a informação assim que chegou à redacção?

Como é habitual. A informação tem de ser cruzada com as várias fontes oficiais e não só para que haja garantias de poder veiculá-la com exactidão como o serviço público exige.

4- Quem é que interveio no processo de seleção das notícias? Quem tomou a decisão final?

Em última instância a informação tem de ser validada pela coordenação da editoria. Há dois coordenadores no Porto, dois em Lisboa e um director da pasta do desporto.

5- Que critérios de noticiabilidade precisa de ter um assunto/tema para se tornar um “acontecimento mediático”, como foi o caso do enfarte do guarda-redes Iker Casillas?

Neste caso é incontornável a relevância informativa pela personalidade desportiva, a gravidade do acontecimento e as implicações futuras do mesmo.

6- Depois de ser noticiado, o que fez manter o acontecimento no “ar”?

A evolução da notícia e do estado de saúde do jogador, bem como as consequências e a dimensão mundial que o acontecimento assumiu por ser um atleta de perfil e histórico desportivo reconhecido. A mobilização de várias personalidades do desporto mundial e as posições públicas tomadas deram ainda maior dimensão ao momento.

7- Que fatores fazem “esquecer”, ou deixar cair no esquecimento, um acontecimento mediático?

O acontecimento deixa de ser notícia a partir do momento em que nada de relevante justifica o 'follow up'.

8- Como é que caracteriza a situação do jornalismo desportivo em Portugal? E na RTP?

O jornalismo desportivo assume especial importância nos vários meios de comunicação em Portugal por ser muito procurado pelo público em geral. Há variadas formas na abordagem (das mais sensacionalistas às mais puramente informativas). Tendo passado por quatro meios no meu percurso profissional e pelo que vejo como jornalista e espectadora acredito que o perfil da RTP, tido por alguns espectadores como mais cinzento, é o que mais privilegia a notícia e o conteúdo em detrimento do ruído que muitas vezes é criado em torno dos assuntos ligados ao desporto em geral e ao futebol em particular. Uma vez mais a imposição de fazer serviço público exige mais isenção e pluralidade em relação aos meios de comunicação privados.

9- Quais os princípios de construção de uma notícia desportiva? Existe algum tipo de cuidados com a linguagem usada, nomeadamente, com termos mais técnicos?

A relevância, a importância, a novidade ... tudo isso tem de estar na base de uma notícia. Mas devem ser tidos cuidados técnicos para um conteúdo preciso, sem deixar que alguns termos sejam demasiado técnicos ao ponto de deixarem de ser entendidos pelo público em geral. A eficácia da comunicação tem de ser sempre pensada.

10- Sendo o 3 às 17 e o Telejornal, blocos de informação diária, porque é que existe tanta discrepância, no que diz respeito ao alinhamento das peças sobre desporto?

São dois jornais completamente diferentes. No 3 às 17 está incluída uma página de desporto com um pivot especializado e por isso o bloco de notícias é alargado e aprofundado. O telejornal é emitido na RTP1, é o principal jornal generalista, tem apenas um pivot e deve percorrer todas as editoras não tendo por isso um espaço reservado ao desporto. Logo o tempo dedicado ao tema é, salvo dias especiais, francamente mais reduzido.

11 - Para muitos autores o jornalismo desportivo é considerado “informação-espetáculo”. Será por ter esta designação que é, mais facilmente, desvalorizado ou colocado de parte, ao invés de outras áreas do jornalismo (política e sociedade)?

É um preconceito que muitas vezes acaba por ser alimentado pelo 'circo' criado por muitos meios e em muitas situações . Cabe aos jornalistas e aos meios de referência mostrar que uma notícia de desporto é tão válida quanto uma de política ou de economia. Todas elas podem ter relevância na vida pública e interesse informativo.

Entrevista nº3 – João Miguel Nunes, jornalista de desporto da RTP

1 - Antes de se tornar notícia, como é que a informação chegou à RTP?

A informação relativa ao problema de saúde que afectou Iker Casillas chegou à RTP através das fontes que os jornalistas da empresa têm.

2 - Privilegiam determinados tipos de fontes, em detrimento de outras para garantir, não só a qualidade, mas também a credibilidade da informação?

Sim. No mundo actual do jornalismo, onde a velocidade com que a informação circula é cada vez mais maior, é obrigatório ter um cuidado extremo para conseguir entender o que é realmente verdade e o que pode ser, usando um vocabulário mais simplista, apenas um boato. Nesse sentido, na RTP existe um carimbo de credibilidade que tem sempre de ser tido em conta.

3 - Como é que foi tratada a informação assim que chegou à redação?

Uma notícia é sempre tratada da mesma forma. Claro que existem temas mais delicados, mas o principal objectivo é confirmar se a informação que nos chegou é verídica. Só depois de percebemos que tudo está correcto e que devemos avançar para a divulgação da notícia.

4 - Quem é que interveio no processo de seleção das notícias? Quem tomou a decisão final?

A decisão final será sempre tomada pelos coordenadores. O processo é sempre trabalhado em interligação com o jornalista a quem foi destinada a cobertura da notícia.

5 - Que critérios de noticiabilidade precisa de ter um assunto/tema para se tornar um “acontecimento mediático”, como foi o caso do enfarte do guarda-redes Iker Casillas?

Não sei se o termo acontecimento mediático será o mais indicado para catalogar a notícia em si. A verdade é que falamos de acontecimento delicado. A opinião pública nunca pensaria que um atleta de alta competição, altamente vigiado em termos clínicos, pudesse ter um problema de saúde da dimensão da qual falamos. Não podemos também esquecer o percurso de Casillas, um guarda-redes com uma carreira recheada de títulos (foi inclusivamente campeão do mundo). Todo este currículo - e a popularidade inerente à

profissão - tornou o espanhol um dos atletas mais conhecidos do mundo e, por isso, o público concedeu ao tema uma atenção especial.

6 - Depois de ser noticiado, o que fez manter o acontecimento no “ar”?

O que faz sempre a notícia manter-se no ar são os novos dados que podem acrescentar algo ao que já foi avançado. No caso do Casillas, por exemplo, depois da informação do problema de saúde seria necessário saber como correu a operação a que foi submetido, perceber se poderia continuar a jogar, escutar as primeiras palavras do atleta depois da intervenção.

7 - Que fatores fazem “esquecer”, ou deixar cair no esquecimento, um acontecimento mediático?

A notícia deixa de ser notícia quando a informação já foi avançada e quando não existem mais dados que possam ser avançados.

8 - Como é que caracteriza a situação do jornalismo desportivo em Portugal? E na RTP?

Não aprecio o termo jornalismo desportivo. Creio que um jornalista é sempre um jornalista. Trata da área desportiva como pode tratar da área política, ou outra qualquer. Ou seja, não existe um jornalista desportivo, existe um jornalista. Temos de saber contar a história (notícia se quisermos) com rigor e exactidão, seguindo as regras do código deontológico, esteja a mesma relacionada com o desporto ou com outra qualquer área.

9 - Quais os princípios de construção de uma notícia desportiva? Existe algum tipo de cuidados com a linguagem usada, nomeadamente, com termos mais técnicos?

Cada área tem sempre termos mais específicos, mas devemos sempre utilizar uma linguagem clara e objetiva. A mensagem tem de chegar a todos. No fundo, as regras de um jornalista são sempre as mesmas. Não creio que existe qualquer diferença.

10 - Sendo o 3 às 17 e o Telejornal, blocos de informação diária, porque é que existe tanta discrepância, no que diz respeito ao alinhamento das peças sobre desporto?

O Telejornal é um bloco informativo onde é tratada toda a informação diária de todas as áreas. No fundo - não sei se a explicação é mais feliz, mas será a mais compreensível - o TJ é um resumo de tudo o que foi notícia durante o dia. Por isso mesmo, o desporto tem

de "dividir" o espaço com as outras áreas. É por isso lógico não existir espaço para noticiar tudo. A lógica diz então que seja dado destaque ao mais relevante, razão pela qual "caiem" algumas notícias nesse espaço, que foram dadas no 3 às 17 ou nos 3 às 19.

11 - Para muitos autores o jornalismo desportivo é considerado “informação-espetáculo”. Será por ter esta designação que é, mais facilmente, desvalorizado ou colocado de parte, ao invés de outras áreas do jornalismo (política e sociedade)?

Será sempre uma discussão eterna. Não a subscrevo. Acho que uma notícia é uma notícia. Seja política, desportiva, ou relacionada com a área da sociedade. Creio que não podemos confundir programas de análise ou comentário. Esses sim, por vezes, tentam criar um ambiente de espectáculo ou sensacionalismo nada benéfico. No desporto, ou em qualquer outra área, a informação deve ser clara, rigorosa e objectiva. É claro que as matérias desportivas lidam muitas vezes com um lado emocional e não racional. Será, eventualmente, uma espécie de desvantagem. No entanto, não devemos deixar de informar com medo que a informação A ou B tenha um impacto emotivo em X ou Y.